



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**EMMANUELE PEREIRA DE ANDRADE**

**AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ALUNOS  
DECICIENTES VISUAIS NO PREPARO PARA O VESTIBULAR**

**Marabá, PA**  
**2009**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**EMMANUELE PEREIRA DE ANDRADE**

**AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ALUNOS  
DECICIENTES VISUAIS NO PREPARO PARA O VESTIBULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de graduação na Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hildete Pereira dos Anjos.

**Marabá, PA  
2009**



EMMANUELE PEREIRA DE ANDRADE

**AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ALUNOS  
DECICIENTES VISUAIS NO PREPARO PARA O VESTIBULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
aprovado como exigência parcial para  
obtenção do diploma de graduação em  
Licenciatura Plena em Pedagogia da  
Universidade Federal do Pará, Campus  
de Marabá, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>  
Hildete Pereira dos Anjos.

Aprovado em: 30 de Junho de 2009.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup> Ms. Kátia Regina da Silva**  
**Faculdade de Educação, UFPA/Campus de Marabá.**

---

**Prof<sup>o</sup> Ms. Vanja Elizabeth S. Costa**  
**Faculdade de Educação, UFPA/Campus de Marabá.**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Hildete Pereira dos Anjos (Orientadora)**  
**Faculdade de Educação, UFPA/Campus de Marabá.**

Dedico este trabalho:

À Deus primeiramente, por ter complementado a minha vida com sabedoria, inteligência e pela proteção constante em minha vida;

À minha mãe, por seu amor incondicional, seu carinho e as palavras de consolo e ânimo. Saiba que elas foram úteis e fizeram toda a diferença me ajudando a ser quem sou. Obrigada!

Ao meu pai, pela confiança depositada, pela força, dedicação, amor e carinho que foram fundamentais no meu di-a-dia;

À minha professora e “tia” Reijane pelo seu carinho, sua compreensão e carisma durante minha infância, que me serviram de pedra angular para minha inspiração acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família pelas alegrias, pelos conselhos e até mesmo pelos pequenos “puxões de orelha” que serviram como pincel para contornar os traços da minha vida; em especial aos meus maninhos e maninhas Heloisa, Tiago, Ellen, Ewerton, Emerson, Eunice e Amanda. Amo vocês!

As pessoas que direta ou indiretamente contribuíram com palavras, apóio e pelo simples fato de existirem. Em especial as minhas amigas Mirian, Sherlidan, Laís e Patrícia (não seria a mesma coisa sem a amizade e o apóio de vocês). Valeu!

A minha professora e orientadora Hildete, pela oportunidade, paciência e pelos seus sábios ensinamentos que serviram de azimute para minha orientação;

A todos os professores e colegas da turma de Pedagogia 2004 pelos momentos que passamos juntos: as alegrias, brigas, conversas, risadas, que me serviram de mapa para um tesouro que encontrei;

Aos meus queridos amigos de trabalho: Elis, Simone, Neide, Stefani, Rosely, Marconny e Lacerda; que passaram a ter um lugar especial em minha vida.

A todos os alunos, Nacélio, Iara, Rogério e Sóstenes que contribuíram para a realização deste trabalho e me ensinaram muito com suas experiências vividas.

A sociedade é um imenso mercado,  
 onde muito cedo as pessoas  
 são etiquetadas e colocadas em algum lugar,  
 sem escolha possível.  
 O bonito, o feio, o desajeitado, o inteligente,  
 o atrasado, o grande, o pequeno, o normal, o anormal...  
 E julga-se, sem piedade,  
 os fracos, os fortes, os vencedores,  
 os perdedores, os sãos, os doentes.  
 Chama-se de diferente aquele  
 que não está na mesma linha de normalidade  
 que a maioria do ser humano.  
 Mas, o que é ser diferente senão o fato de não ser igual?  
 Não somos assim, todos diferentes?  
 Por que etiquetas, se todos trazemos em nós riquezas inúmeras,  
 mesmo se muitas vezes imperceptíveis aos olhos humanos?  
 A diferença pede licença sim!!!  
 Dá-me oportunidade!

Deixa-me mostrar quem sou, ao meu tempo!  
 Deixa-me desenvolver minhas capacidades e  
 farei florir meu deserto.  
 Peço é oportunidade para mostrar do que sou capaz.  
 Peço aceitação para estar no meu lugar,  
 não o escolhido pra mim,  
 mas aquele onde sou capaz de chegar.  
 Se não plantamos sementes, jamais colheremos frutos!  
 Deixar que cada qual desenvolva a seu tempo  
 e seu ritmo o seu potencial é dar abertura ao mundo.  
 É a diversidade de flores que dá a beleza a um jardim.

Quem é normal e quem é anormal  
 se o sangue corre da mesma forma para todos,  
 se o coração bate da mesma forma,  
 se as lágrimas têm a mesma cor e  
 se o sorriso fala com as mesmas palavras?  
 A diferença pede aceitação, pede respeito,  
 pede tolerância e pede, sobretudo, muito amor.

Anormal não é quem foge dos padrões sociais;  
 anormal é quem não compreende  
 e não aceita que somos todos seres imperfeitos,  
 mas, nem por isso, diminuídos aos olhos de Deus;  
 anormal é quem se acredita grande  
 e pensa que o mundo todo é pequeno;  
 é quem não percebeu o verdadeiro significado da palavra amar.

A diferença pede licença!...  
 Abra-lhe o caminho e você vai ver onde ela é capaz de chegar!  
 (Letícia Thompson)

## RESUMO

Este trabalho analisa, nas falas de alunos com deficiência visual da sala regular da rede pública, as dificuldades encontradas por eles no preparo para o vestibular que foram obtidas em entrevistas transcritas e analisadas com base na Análise de Conteúdo ancorando-se em conceitos postulados por Franco. A interpretação dos sentidos presentes na falas se organiza em: as dificuldades de acesso (físico, à informação, ao sistema de seleção); dificuldades de aprendizagem por área de conhecimento; sentimentos dos alunos quanto ao processo de transição do ensino médio para o vestibular assim como o incentivo da família, as expectativas dos professores da sala regular e dos monitores do grupo de estudos da UFPA quanto a aprovação destes alunos. Nas falas emergem os vários problemas encontradas por eles neste processo devido a algumas limitações que eles possuem. Por outro lado, se forem desenvolvidas estratégias de ensino que atendam a estes alunos mais um pouco de criatividade, estes poderão vir a superar estas dificuldades.

Palavras-chave: Educação Especial, Inclusão, Ensino Superior, Deficiência



## **LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS**

AC – Análise de Conteúdo

IES – Instituição de Ensino Superior

MEC – Ministério da Educação e Desporto

NEE – Necessidades Educacionais Especiais

NEES – Núcleo de Educação Especial

SEESP – Secretaria de Educação Especial

SESu – Secretaria de Ensino Superior

UEPA – Universidade Estadual do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL .....</b>	<b>13</b>
1.1. OS PRIMEIROS PASSOS NO BRASIL .....	14
1.2. POLÍTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS .....	15
1.3. A MENOS-VALIA E A DEFICIÊNCIA .....	16
1.4. DEFICIÊNCIA E ENSINO SUPERIOR.....	18
<b>2. LEITURAS ATUAIS ACERCA DE DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR .....</b>	<b>20</b>
<b>3. LOCUS DE PESQUISA E FALAS DOS SUJEITOS .....</b>	<b>30</b>
3.1. NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UFPA E O GRUPO DE ESTUDOS DO PRÉ-VESTIBULAR.....	30
3.2. ESTUDANDO AS FALAS DOS PRÉ-VESTIBULANDOS A PARTIR DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	32
3.3. CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO E CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS .....	33
3.3.1. <i>Algumas dificuldades encontradas durante o ensino médio no preparo para o vestibular .....</i>	<i>33</i>
3.3.2. <i>A convivência e o uso do espaço universitário pelos alunos do ensino médio ....</i>	<i>36</i>
3.3.3. <i>Dificuldades sobre a definição da área na qual os alunos prestarão vestibular.</i>	<i>38</i>
3.3.4. <i>Incentivos da família .....</i>	<i>39</i>
3.3.5. <i>Incentivo do professor da sala regular .....</i>	<i>41</i>
3.3.6. <i>Dificuldades encontradas com relação às áreas do conhecimento .....</i>	<i>42</i>
3.3.7. <i>Dificuldades encontradas com o professor da sala regular .....</i>	<i>44</i>
3.3.8. <i>Dificuldades encontradas no programa .....</i>	<i>46</i>
3.3.9. <i>Sentimentos com relação ao vestibular .....</i>	<i>48</i>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada sobre atividades do Programa de Extensão do NEES/NACE (Núcleo de Educação Especial e Núcleo de Acessibilidade), da Universidade Federal do Pará (UFPA), no ano de 2008, através do grupo de estudos para o vestibular com deficientes visuais de diferentes faixas etárias, que procurou analisar quais as dificuldades encontradas por estes alunos no preparo para o vestibular. Foram analisados as dificuldades de acesso (físico, à informação, ao sistema de seleção); dificuldades de aprendizagem por área de conhecimento; sentimentos dos alunos quanto ao processo de transição do ensino médio para o vestibular assim como o incentivo da família, as expectativas dos professores da sala regular e dos monitores do grupo de estudos da UFPA quanto a aprovação destes alunos.

A pesquisa se propôs a analisar, com base na Análise de Conteúdo, as falas destes alunos que se encontravam nesse processo de preparação do ensino médio para o vestibular. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas, buscando identificar nas falas as dificuldades enfrentadas pelos alunos durante o processo na tentativa de ingressar em uma instituição de ensino superior. Nas falas analisadas os alunos descrevem problemas encontrados durante o ensino médio no preparo para o vestibular, sobre a convivência no espaço da universidade, sobre a área a qual optarão, sobre o apoio da família assim como dos professores da sala regular, dificuldades com certas disciplinas estudadas e com os professores da sala regular e durante o grupo de estudos. Os sujeitos da pesquisa são alunos que concluíram ou estão cursando o ensino médio da escola pública, sendo que todos possuem deficiência visual (três alunos com baixa visão e um aluno cego). Os alunos possuem idade entre 21 e 29 anos e frequentam o Grupo de Estudos do Pré-vestibular dentro do Núcleo de Educação Especial (NEES) da Faculdade de Educação da UFPA/Marabá.

No primeiro capítulo, foi feita uma revisão bibliográfica a respeito de pesquisas realizada na área baseada em Mendes (2006), Melo e Medeiros (2007), Ferreira (2007), Rocha e Miranda (2007), Rodrigues (2007), Miranda e Silva (2007) Castro (2008), Chahini (2008), Nascimento (2008) e Santos (2008), tendo como foco o ensino superior e alunos em situação de deficiência. Já no segundo capítulo procura-se trazer de forma sucinta alguns pontos importantes do histórico da educação especial assim como os primeiros passos no Brasil, com base nos trabalhos de Mazzota (2005), Jannuzzi (2006) e Mendes (2006), fazendo uma abordagem de declarações que contribuíram de forma

efetiva para uma evolução na área, essas declarações analisadas foram a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990) a Declaração de Salamanca (1994), de Dakar (2000), a e a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI (1998).

No terceiro capítulo faz-se uma abordagem do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudos do Pré-vestibular dentro do Núcleo de Educação Especial (NEES) e analisa-se as falas coletadas durante a pesquisa.

E, por fim, no quarto capítulo, encontram-se as considerações finais a respeito da pesquisa realizada, trazendo uma discussão sobre as principais dificuldades encontradas por estes alunos assim como comentários acerca de tais dificuldades.

## 1. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Este capítulo faz um breve resgate histórico da Educação Especial, procurando trazer os principais fatos ocorridos no que diz respeito ao atendimento educacional dos deficientes tanto no âmbito internacional quanto nacional.

A exclusão da pessoa com deficiência não é um tema que se restringe a tempos atuais, segundo Rodrigues (2007), na sociedade grega e romana já existiam práticas de exclusão e até extermínio de pessoas que nasciam com limitação.

No século XVIII a deficiência estava ligada ao misticismo e ao ocultismo, “o conceito de diferenças individuais não era compreendido ou avaliado” (MAZZOTA, 2005, p. 16). Estas idéias faziam com que estas pessoas fossem colocadas a margem da sociedade, por não se adequarem à idéia de “perfeição” que a igreja pregava na época. Porém, com o avanço da ciência, essa forma de pensar foi aos poucos sendo desconstruída.

Foi na Europa que começaram a surgir os primeiros movimentos, os primeiros líderes de grupos de pessoas com deficiência a reivindicar por seus interesses. Essas reivindicações foram abrindo espaço para a discussão da temática a qual se expandiu para outros países como os Estados Unidos e Canadá. É no século XIX que iniciam os primeiros estudos a respeito da deficiência assim como também os primeiros atendimentos a serem realizados. É importante enfatizar neste período os estudos do médico Jean Marc Itard sobre o “selvagem de Aveyron”, um menino de doze anos que foi capturado em uma floresta do sul da França e que possuía comportamentos semelhantes a de um animal. Tais estudos fizeram com que o médico mais tarde, fosse reconhecido como a primeira pessoa a realizar métodos de ensino para deficientes.

Mais tarde surgiram as primeiras escolas e internatos que atendiam a diferentes deficiências,

nos Estados Unidos, houve um aumento crescente das escolas residenciais, que eram um modelo europeu. Na última década do século XIX, entretanto, as escolas residenciais não eram mais consideradas instituições apropriadas para a educação do deficiente mental. Passaram a ser vistas como instituições para tutela de crianças e adultos sem esperança de vida independente e, portanto, sem possibilidades de educação. Em razão disso, começaram a ser desenvolvidos os programas de externato. Assim é que, em 1896, foi aberta a primeira classe especial diária para retardados mentais, em Providence, Rhode Island. Em 1900, em Chicago, criou-se a primeira classe para cegos e a primeira classe de escola pública para “crianças aleijadas”. Em dez anos Newark, Nova York, Cincinnati, Cleveland, Milwaukee e Racine abriram classes para cegos. Em 1913 começou a funcionar em Boston a primeira classe de amblíopes (MAZZOTA, 2005, p. 24).

Assim, espaços foram sendo abertos e conquistados por estas pessoas. O acesso à educação foi sendo lentamente conquistado, a partir da ampliação das oportunidades que surgiam de educação para a população em geral. (MENDES, 2006, p. 387).

### 1.1.OS PRIMEIROS PASSOS NO BRASIL

No Brasil, as primeiras tentativas da educação da pessoa deficiente tiveram início no fim do século XIII e início do século XIX. Segundo Mazzota (2005), esta educação foi dividida em dois períodos: o período de 1854 a 1956 onde esta educação ocorreu de forma isolada, em grupos particulares e, de 1957 a 1993 já com iniciativas de âmbito nacional. No primeiro período “surgiu institucionalmente, mas de maneira tímida, no conjunto das concretizações possíveis das idéias liberais que tiveram divulgação no Brasil no fim do século XVIII e começo do XIX” (JANNUZZI, 2006, p. 6). As primeiras providências partiram de D. Pedro II que fundou na cidade do Rio de Janeiro o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, a fundação deveu-se em parte a José Álvares de Azevedo que era cego, e que mais tarde passou a denominar-se Instituto Benjamin Constant (IBC) em homenagem ao ex-professor de matemática e ex-diretor, Benjamin Constant Botelho Magalhães.

Nesta época cresceu também, do ponto de vista quantitativo, a assistência aos deficientes, assim como o número de instituições regulares e estabelecimentos especializados na área da educação especial. Trabalhos científicos e técnicos na área passaram a ser publicados. “Assim, a educação especial foi constituindo-se como um sistema paralelo ao sistema educacional geral, até que, por motivos morais, lógicos, científicos, políticos, econômicos e legais, surgiram as bases para uma proposta de unificação” (MENDES, 2006, p. 388).

Já no segundo período (1957 a 1993), foi assumido a nível nacional pelo governo federal. Nesta época houve a criação de campanhas específicas na área, como campanhas para a educação do surdo, educação do cego e reabilitação dos deficientes mentais, além de campanhas para extinguir o analfabetismo. Estas campanhas segundo Jannuzzi (2006), não conseguiram atingir o objetivo. Porém as que foram realizadas na área da deficiência conseguiram chamar a atenção para tal problema, reunindo assim cada vez mais um maior número de pessoas que, de uma maneira tímida e precária, acabaram preparando o terreno para que o governo criasse em 1973, o primeiro órgão para definição de metas governamentais específicas na área da educação especial – o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), este foi perdendo forças e passou a

se chamar SESPE – Secretaria de Educação Especial e mais tarde SEESPE, após a queda do presidente Fernando Collor de Melo.

É a partir de 1990 que o Brasil passa a fazer opção por um sistema educacional inclusivo (BALEOTTI e DEL-MASSO, 2008, p. 33), deixando antigas práticas, como as de segregação “que buscavam educar o deficiente entre seus iguais, afastando-os do restante da sociedade” (ANJOS, ANDRADE e PEREIRA, 2009, p.117), e as de integração “onde os esforços pedagógicos concentraram-se em adequar a pessoa com deficiência, aproximando-a ao máximo dos padrões da escola comum” (Op. Cit. 2009, p. 117); e passando a ancorar-se em fatos que marcaram de vez não só o Brasil, mas o mundo todo, como a Conferência Mundial sobre Educação para Todos realizada em 1990 em Jomtien, Tailândia e também a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais realizada no ano de 1994 em Salamanca, logo depois a Conferência Mundial realizada em Dakar, Senegal realizada no ano 2000 e mais tarde em 1998 a Conferência Mundial sobre Educação Superior no século XXI: Visão e Ação, realizada em Paris.

## 1.2. POLÍTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS

A partir de 1990, “o Brasil fez a opção pela construção de um sistema educacional inclusivo” (BALEOTTI e DEL-MASSO, 2008, p. 33), apoiando a Conferência Mundial de Educação para Todos realizada em março de 1990 em Jomtien, na Tailândia e que contou com a presença de 155 governos de diferentes países, apresentando como meta primordial a revitalização do compromisso mundial de educar todos os cidadãos do planeta.

Em junho de 1994, promovida pelo governo da Espanha e UNESCO, é realizado a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade, que produziu a Declaração de Salamanca e envolveu noventa e dois governos e vinte cinco organizações internacionais; o Brasil assumiu, em sua política de inclusão os postulados produzidos nesta conferência. Esta foi considerada o marco mais importante para a difusão da filosofia da educação inclusiva, (MENDES, 2006, p. 395). O princípio que a orienta é que

escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e super-dotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias lingüísticas, étnicas ou culturais, e crianças

de outros grupos desvantajados ou marginalizados (Declaração de Salamanca, 1994).

Essas duas conferências mostraram a preocupação em levar o ensino a todos, principalmente aqueles que estavam a margem, como era o caso de alunos deficientes, que mais tarde passaram a ser inseridos nas classes regulares. Tais preocupações foram reafirmadas em 2000 na Conferência Mundial realizada em Dakar, Senegal, intitulada *O Marco da Ação de Dakar – Educação para Todos: Atingindo nossos compromissos coletivos*. Apesar de o documento tratar de educação inclusiva abrangendo a uma população mais ampla, pode ser aplicado também às pessoas com deficiência que sofrem as diversas formas de exclusão e discriminação, (BALEOTTI e DEL-MASSO, 2008, p. 34).

O termo inclusão passou a partir de então a ser defendido, estabelecendo que as “diferenças humanas eram normais mas ao mesmo tempo reconhecia que a escola é que estava provocando ou acentuando desigualdades associadas à existência das diferenças de origem pessoal, social, cultural e política” (MENDES, 2006, p. 385). A necessidade de uma reestruturação no sistema de ensino era necessária para promover oportunidades à pessoa deficiente, tornando assim uma sociedade mais democrática e aceitadora das diferenças.

### 1.3. A MENOS-VALIA E A DEFICIÊNCIA

Vigotski trata em seu livro sobre duas diferentes esferas de defectologia. Uma que segundo ele era considerada como uma pedagogia menor, que se preocupava com a proporção, com o desenvolvimento quantitativamente limitado. Esta esfera pregava que o ensino para pessoas que apresentavam alguma deficiência deveria ser reduzido e lentificado. Esse tipo de ensino caracterizava a escola especial da Alemanha naquela época. Nesta “se comenzó a medir y a contar antes que a experimentar, observar, analizar, dividir y generalizar; a describir y a determinar de forma cualitativa” (Vigotski, 1989, p. 2)<sup>1</sup>. Se resumindo a uma concepção puramente aritmética de soma de defeitos, essa velha defectologia segundo Vigotski (1989) se fazia antiquada.

Porém na defectologia contemporânea “el niño, cuyo desarrollo se ha complicado por um defecto, no es sencillamente menos desarrollado que sus coetâneos

---

<sup>1</sup> “se começou a medir e a contar antes de experimentar, observar, analisar, dividir e generalizar; a descrever e a determinar de forma qualitativa” (Tradução não autorizada).



normales, es un niño, pero desarrollado de otro modo” (Op. Cit. 1989, p. 3)<sup>2</sup>. Essa atual esfera defende a deficiência como um tipo especial de desenvolvimento e não procura analisar quantitativamente e sim qualitativamente, passando a ser então uma ciência que possui um objeto de estudo a ser estudado e que necessita dominá-lo.

O autor chama a atenção para o duplo papel da insuficiência orgânica, onde de um lado o defeito traz limitações, mas estas porém, geram dificuldades que trazem desafios pois “cualquier defecto origina estímulos para la formación de la compensación” (Op. Cit. 1989, p. 5)<sup>3</sup>, não sendo assim a deficiência o fator fundamental a ser estudado pela defectologia, mas a reação do organismo, dos processos de compensação no desenvolvimento e na personalidade diante da deficiência.

Porém o autor afirma também que neste processo de compensação nem sempre há êxitos, pois podem existir derrotas. As peculiaridades do desenvolvimento de uma pessoa com deficiência tem seus limites que são impostos pelo meio social onde decorre o processo de desenvolvimento. Estas condições impostas pela sociedade ocorrem a partir de dois fatores fundamentais: a ação do defeito é sempre secundária, indireta e reflexa, a criança não sente diretamente o seu defeito (Op. Cit. 1989, p. 8), o que ela percebe é as dificuldades geradas por este defeito. As conseqüências desse defeito é a desvalorização social dessa criança a qual Adler (citado por Vigotski) denomina de sentimento de menos-valia. O outro fator é a tendência social de compensação para a adaptação às condições do meio, onde este foi criado e formado para o tipo humano normal.

Neste esquema defeito – compensação, uma criança cega por exemplo, passa a alcançar o mesmo desenvolvimento de uma criança “normal”, porém de um modo diferente, por outras vias. Mas se entre estes dois houver a presença da menos-valia: defeito – (sentimento de menos-valia)- compensação, os projetos de compensação serão prejudicados, pois este sentimento de desvalorização atuará diretamente na pessoa colocando-a numa posição inferior em comparação com as outras ditas normais.

Por isso é que neste trabalho designar-se-á “pessoa em situação de deficiência” ao invés de “pessoa com deficiência”, apesar de esta última reconhecer o corpo com lesão e denunciar a estrutura social que o oprime (DINIZ, 2007) porém que ainda remete a deficiência à pessoa, mesmo reconhecendo os efeitos da ação da sociedade sobre ela. (ANJOS, CHAGAS, SANTOS e SILVA, 2009, p. 2). Quando a limitação for

---

<sup>2</sup> “A criança, cujo desenvolvimento se tem complicado por um defeito, não é sensivelmente menos desenvolvida que seus semelhantes normais, é uma criança, mas desenvolvida de outro modo”. (Tradução não autorizada).

<sup>3</sup> “qualquer defeito origina estímulos para a formação da compensação” (Tradução não autorizada).

específica utilizar-se-á “aluno cego”, “aluno com baixa-visão”. Diniz (2007) afirma que conhecer a cegueira, a surdez, a lesão de forma geral como um diferente modo de vida é algo novo para a literatura, assim, ter um corpo com deficiência é algo que está fora da norma.

#### 1.4. DEFICIÊNCIA E ENSINO SUPERIOR

Na história da educação especial percebe-se que ações foram voltadas quase exclusivamente para a educação básica, poucas foram as ações voltadas para o ingresso da pessoa em situação de deficiência no ensino superior. Esse é um problema que agora passa a ser enfrentado, na realidade educacional brasileira. Isso se deve a diversos fatores, principalmente a falta de políticas de acesso.

Esta realidade pode ser atribuída a ausência de uma política de acesso que equipare as condições entre alunos com deficiência e alunos que não se encontram nesta condição. Assim, os poucos alunos com alguma deficiência que conseguem ser aprovados nos processos seletivos são resultantes de seu esforço sobre-humano para vencer as barreiras do processo seletivo (MIRANDA E SILVA, 2007, p. 4).

A Constituição Federal, no seu artigo 205, é clara quando diz que a educação é um direito de todos e que esta deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade para que possa haver um pleno desenvolvimento da pessoa para o seu preparo no exercício da cidadania e na sua qualificação para o trabalho. Porém este direito tem sido negado a muitos e a realidade é que muitas destas pessoas não chegam ao ensino superior.

Foi com esta preocupação que foi elaborada a Declaração Mundial sobre Educação Superior no século XXI, aprovada na Conferência Mundial sobre Educação Superior em Paris em 1998, na sede da UNESCO, a qual estabelece as missões e funções do ensino superior, ações necessárias e as prioridades, e determina principalmente a igualdade de acesso a este nível de ensino. Segundo esta Declaração:

Deve-se facilitar ativamente o acesso à educação superior dos membros de alguns grupos específicos, como os povos indígenas, os membros de minorias culturais e lingüísticas, de grupos menos favorecidos, de povos que vivem em situação de dominação estrangeira e pessoas portadoras de deficiências, pois estes grupos podem possuir experiências e talentos, tanto individualmente como coletivamente, que são de grande valor para o desenvolvimento das sociedades e nações. Uma assistência material especial e soluções educacionais podem contribuir para superar os obstáculos com os quais estes grupos se defrontam, tanto para o acesso como para a continuidade dos estudos na educação superior (Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação).

A declaração afirma que este acesso deve ser facilitado, assim como também a permanência deste aluno no ensino superior, e para que possa haver estes dois (acesso e

permanência) é necessário que haja soluções para a superação de barreiras arquitetônicas, educacionais e também barreiras atitudinais. Um exemplo são os alunos com baixa-visão e cegos que necessitam de ajustes na prática pedagógica como a adaptação de materiais, a descrição verbal das atividades, adaptação dos conteúdos, em fim, “o professor necessita buscar maneiras para o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem que utilize e desenvolva o potencial sensorial do aluno e que favoreça o processo educacional, a orientação e mobilidade” (NASCIMENTO, 2008, p. 5).

É necessário que além da matrícula a instituição possa oferecer também meios de permanência deste alunado. As IES devem atentar para a construção de um currículo que leve em conta a assistência desse alunado.

## 2. LEITURAS ATUAIS ACERCA DE DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR

O objetivo principal deste capítulo é mostrar um levantamento de pesquisas realizadas recentemente por autores da área, como a inclusão vem acontecendo na educação em geral, porém focalizando as instituições de ensino superior; relatando-se nesses estudos, as dificuldades encontradas pelos alunos em situação de deficiência quanto à questão da acessibilidade e aprendizagens. Pesquisas a respeito desse tema ainda são insuficientes, principalmente quando se fala dessa transição do ensino médio para a preparação para o vestibular pois é uma área de pesquisa bastante recente.

Mendes (2006) afirma que uma grande maioria de alunos com NEE<sup>4</sup> estão fora da escola, os poucos que têm esse acesso não recebem uma educação apropriada, isso por falta de profissionais qualificados e a falta de recursos.

No geral, os estudos nacionais indicam que, mesmo para as poucas matrículas existentes, faltam aspectos básicos para garantir não apenas o acesso, mas a permanência e o sucesso desses alunos com necessidades educacionais especiais matriculados em classes comuns (MENDES, 2006, p. 399).

Para educar crianças com necessidades educacionais especiais, a autora afirma que não existe uma receita pronta, as propostas variam muito desde a uma inclusão total ou até a idéia da manutenção de serviços e de uma diversidade de opções. Para ele, programas como “Direito a Diversidade” promovido pela SEESP/MEC têm sido lançados com o intuito de promover a educação inclusiva, porém muitas destas propostas padronizam o processo, desenvolvendo uma perspectiva nacional única.

Uma tomada de posição consciente dentro desse conjunto de possibilidades deve começar pelo entendimento que se tem acerca do princípio da inclusão escolar, lembrando que o termo assume atualmente o significado que quem o utiliza deseja (MENDES, 2006, p. 396).

A autora conclui afirmando que o poder público não tem cumprido seu papel para garantir uma educação de melhor qualidade e que só o acesso não é o suficiente, “é necessário que se faça uma pesquisa mais engajada nos problemas da realidade e que tenham implicações práticas e políticas mais claras” (MENDES, 2006, p. 402).

Uma outra pesquisa só vem reforçar o que Mendes afirma anteriormente em seu artigo quando diz que a escola “estava provocando ou acentuando desigualdades associadas à existência das diferenças de origem pessoal, social, cultural e política” (Op. Cit. 2006, p. 395). Rodrigues (2007) constata em sua pesquisa, que estas desigualdades

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar que neste capítulo será preservada a nomenclatura utilizada por cada autor, embora no trabalho tenha sido feita a opção por pessoa com deficiência (Ver Capítulo 1.3).

ainda estão presentes dentro da escola, e que acontecem entre os próprios alunos. Em seu texto, a autora analisa as representações das diferenças em crianças do cotidiano escolar e procura identificar os diferentes olhares que essas representações constroem.

A autora identifica diferentes representações acerca do outro como: “normal”, “anormal”, “mudinha” que são feitas por crianças que tem colegas em situação de deficiência em sala de aula, por isso há que se ter um cuidado do professor para que o aluno diferente “não se restrinja ao dislético, ao surdo, ao deficiente, ao Down, dentre outras tantas maneiras simplificadoras de chamá-lo” (RODRIGUES, 2007, p.100). O professor deve estar atento a esses dizeres das crianças e procurar estratégias para que estas representações sejam desconstruídas. Estas estão sempre em construção em nosso cotidiano, são construídas nas relações sociais, na convivência com o outro e,

Por estas atitudes se obtêm os pré-conceitos, as opiniões já formadas a respeito de um determinado assunto, objeto ou pessoa, como, por exemplo, a representação da criança como um ser “puro”, “frágil”, “ingênuo”, ou as representações sobre a deficiência, que as associam a “anormalidade”, “ineficiência” ou “doença” (RODRIGUES, 2007, p. 101).

E necessário que neste espaço ocorra a desmistificação de idéias já pré-concebidas ao outro que é diferente, pois é neste espaço que ocorrem relações afetivas, a convivência que são necessárias ao ser humano.

A autora conclui que é necessário refletir e desmistificar essas rotulações, representações que estão enraizadas na sociedade e que chegam as nossas escolas. A inclusão não implica em negar as diferenças, mas ao contrário, significa mostrar que elas existem, e isto pode ser feito através do diálogo, do questionamento e do conhecer a diferença. Para a autora, não é só a escola que precisa ser trabalhada nesta questão, mas a sociedade como um todo, pois esta não está familiarizada com o diferente.

Os outros autores analisados (Ferreira, 2007; Miranda e Silva, 2007; Melo e Medeiros, 2007; Rocha e Miranda, 2007; Santos, 2008; Castro, 2008; Nascimento, 2008 e Chahini, 2008), tratam do ingresso de alunos em situação de deficiência em instituições de ensino superior, assim como as dificuldades encontradas por estes no ingresso e permanência; as dificuldades encontradas por estes na acessibilidade tanto física como informacional, na aprendizagem e outras barreiras que os impedem de ingressar, possibilitando apenas a uma pequena minoria de alunos com alguma deficiência o acesso a uma universidade.

A pesquisa de Ferreira (2007) trata da experiência desenvolvida pelo PROENE – Programa de Acompanhamento a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais, na Universidade Estadual de Londrina. Segundo a autora, quando se fala em diversidade, fala-se de diferenças individuais assim como também “falar de

oportunidade, flexibilidade, adaptações e respeito às limitações, dificuldades e necessidades especiais do outro.” (FERREIRA, 2007, p. 43). Ela adota a terminologia NE (Necessidades Especiais) e NEE (Necessidades Educacionais Especiais), sendo que a primeira quando a deficiência ou doença (definitivas ou transitórias) implicarão certas necessidades, denominadas de especiais. Quando estas não são atendidas por meio da escola, da universidade ou de uma outra instituição de ensino, estas necessidades passam a ser necessidades educacionais especiais.

Alguma destas necessidades são o acesso ao espaço da vida social, a aceitação das diferenças, da oportunidade de desenvolvimento, adequação de recursos pedagógicos e outros. A autora afirma que para haver inclusão é necessário que as necessidades do sujeito sejam atendidas em toda a sua trajetória escolar: acesso, ingresso, permanência e saída.

Para a autora, para que possa haver realmente a inclusão das pessoas com NE ou NEE é de fundamental importância que sejam eliminadas as barreiras atitudinais, o que só é feito através de um trabalho de formação, mobilização e conscientização.

Em sua pesquisa, a autora nos mostra que o PROENE atende a alunos nas seguintes situações: deficiência física; deficiência visual; deficiência auditiva; dificuldades para aprendizagem, transtornos de aprendizagem e dificuldades para a comunicação por meio da fala, leitura e/ou escrita; doença crônica física; doença crônica emocional. Estas são as populações a serem incluídas no programa, onde o candidato ou o estudante que apresente algumas destas condições é encaminhado ou durante a inscrição do vestibular ou na matrícula inicial, ou durante o curso ao preenchimento de um requerimento específico. Mas tarde o estudante é contatado pelo programa para o agendamento de uma entrevista inicial. Na primeira entrevista com o estudante, são constatadas as reais necessidades deste. Se o estudante possui apenas uma NE que venha a interferir em seu desempenho acadêmico, mas que não são NEE, este é orientado sobre os apoios institucionais existentes, orientado sobre os encaminhamentos possíveis para o gerenciamento das limitações e dificuldades apresentadas. Mas se o estudante apresenta limitações ou dificuldades que possam interferir no seu desempenho acadêmico, temporariamente ou definitivamente, este é informado sobre os apoios institucionais especiais existentes e o estudante é cadastrado e será acompanhado pela equipe do programa. Reuniões semanais são feitas pela equipe para se discutir dados obtidos na entrevista inicial para que o caso seja encaminhado aos colegiados dos cursos e aos professores.

Algumas ações têm sido feitas pelo programa para assegurar o apoio ao atendimento do estudante que está sendo acompanhado. Algumas destas são: realizações de cursos para funcionários, que discutam a diversidade, acessibilidade e sociedade inclusiva; aquisição e adaptação de recursos para que se possa eliminar as barreiras no processo de ensino-aprendizagem-avaliação; proposição de criação ou de alteração das normas internas da instituição e etc. O programa atendeu 503 estudantes no período de outubro de 1991 a agosto de 2006, sendo que a maioria é representada por alunos que apresentam doença crônica emocional.

Segundo Ferreira (2007), o programa tem buscado realizar as suas ações sempre com bom senso e sensibilidade, respaldadas em conhecimento científico e tecnológico”. Mas às vezes existem ocasiões em que o uso da criatividade é necessário quando há a necessidade de providências especiais como os recursos materiais, estratégicos e humanos. Apesar das dificuldades e desafios, o PROENE,

tem se dedicado à permanente construção do saber e do fazer no contexto da inclusão nas IES, efetivando desta forma o seu compromisso de não se manter indiferente frente à diversidade e participando da construção da sociedade inclusiva, empreendendo ações consoantes entre os dispositivos legais acerca da Educação Especial nas IES e o conhecimento teórico-científico (Op. Cit. 2007 p. 57).

A autora finaliza afirmando que é possível o ingresso, a permanência e competência. São realidades que são possíveis aos estudantes universitários que possuem necessidades educacionais especiais.

Miranda e Silva (2007) abordam sobre a inclusão de pessoas em situação de deficiência no contexto universitário; sua pesquisa foi feita na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com 7 alunos de diferentes cursos em situação de deficiência, sendo que seis eram deficientes visuais e um com deficiência física. As autoras constataram que o número de alunos deficientes era muito pequeno em relação ao número de alunos que a universidade possuía. Constataram também dificuldades encontradas por estes em certas disciplinas do curso; as autoras atribuem essas dificuldades a uma falta de apoio pedagógico adequado, falta de apoio tecnológico, ou um protecionismo e paternalismo da própria instituição e dos professores.

Na maioria das falas, as autoras puderam observar que há um apoio por parte da família, e assim consideram a família tendo um papel fundamental no processo de aceitação da deficiência. Já na relação professor-aluno, alguns entrevistados falam de dificuldades nesta relação muitas vezes por falta de preparo do professor como a falta de conhecimento a respeito da deficiência. Problemas como o distanciamento dos colegas, falta de infra-estrutura e necessidades individuais de cada aluno também foram

encontradas nas falas. O cotidiano dos alunos é marcado por um isolamento e indiferença feita pelos colegas de sala. A infra-estrutura da universidade não foi planejada conforme a deficiência destes alunos, as aulas não são planejadas e organizadas considerando a presença do aluno com deficiência.

E por fim, as autoras constataram nas falas dos alunos sobre algumas melhorias no acesso a UFU, como uma adequação das provas de vestibular considerando a deficiência dos candidatos, para que este acesso possa ser permitido. Há a necessidade também de uma implantação de projetos de ensino relacionados à inclusão de alunos no ensino superior. Problemas como formação docente e discursos e representações sociais se apresentam diante desses alunos a serem incluídos.

Em sua pesquisa, Melo e Medeiros (2007) citam ações desenvolvidas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O estudo foi feito através de uma análise documental, foram analisados relatórios da Pró-Reitoria de Graduação/PROGRAD, portarias e projetos elaborados com vista a atender os alunos com deficiência na instituição.

Entre 2001 e 2006, as autoras puderam constatar algumas ações realizadas como o atendimento a candidatos com deficiência no vestibular, a elaboração de diretrizes e ações para que a instituição atendesse a esses alunos, a realização do I Seminário de Educação Inclusiva. A UFRN também firmou um acordo com o Instituto de Cegos de Natal para a adaptação de material. A criação de um espaço inclusivo dentro da biblioteca da instituição, com o intuito de atender as necessidades dos alunos deficientes visuais e adequação arquitetônica e construção de ambientes acessíveis foram algumas destas ações, assim como a publicação de uma revista interna, com formato impresso convencional e braile.

Houve também a realização do I Seminário Nacional sobre Educação e Inclusão Social de Pessoas com Necessidades Especiais e também a promoção do II Seminário Nacional sobre Educação e Inclusão Social de Pessoas com Necessidades Especiais; aprovação do Projeto Incluir, com esta aprovação, aconteceram reformas nas edificações para acessibilidade física dos alunos em todos os ambientes. Algumas ações também ainda estão sendo desenvolvidas como o desenvolvimento do projeto “Inclusão de alunos com deficiência na UFRN: promovendo ambientes acessíveis” financiado pelo MEC, por meio do Programa INCLUIR. Este projeto visa a ampliação do Espaço Inclusivo que se localiza na biblioteca, promovendo mais acessibilidade, pois o número de pessoas que possuem deficiência nesta instituição aumentou para 46, sendo



necessário a adequação física em suas instalações. Para concluir, as autoras afirmam que:

Fiel aos princípios que norteiam a construção de um sistema educacional democrático e inclusivo, a UFRN vem buscando garantir, de todas as formas, embora ainda de forma incipiente, a qualidade da oferta e do acesso aos seus cursos, respeitando a diversidade de todos os que nela ingressam (MELO e MEDEIROS, p. 9).

Rocha e Miranda (2007) elaboraram um diagnóstico sobre a realidade da Instituição onde desenvolveram sua pesquisa, no que diz respeito ao acesso e permanência das pessoas em situação de deficiência, assim como também às necessidades da instituição no que diz respeito ao acesso físico e informacional.

As autoras buscaram através do Serviço de Seleção da Universidade a lista de alunos com deficiência que haviam ingressado na instituição. Após identificarem os alunos, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com dez dos alunos com deficiência que estavam matriculados. Cinco alunos possuíam deficiência visual, sendo 4 cegos e um de baixa visão; 4 com deficiência física e um com deficiência auditiva. Foi constatado que a maioria destes alunos frequentou a escola privada e relataram que foram bem acolhidos durante todo o processo, tendo as suas necessidades atendidas. Todos receberam um bom atendimento no processo seletivo da instituição, tendo suas necessidades especiais atendidas, porém as condições de permanência não foram as mesmas do processo seletivo. Segundo a pesquisa, houve ausência de apoio das Pró-Reitorias de Graduação e Planejamento, sendo que quem tem feito a sensibilização a estes alunos são os próprios professores, os coordenadores dos cursos e a família.

Nesse relato, o aluno com baixa visão não tem seu material ampliado e as aulas não são ministradas através de uma projeção que facilitaria a ampliação da letra. Os alunos com deficiência visual contam somente com o apoio do setor Braille na biblioteca, que possui alguns *softwares* que são necessários a eles, porém as universidades não dispõem de um laboratório com uma impressora braille, gravadores de voz, softwares especiais que ajudariam na aprendizagem e no acesso a informações. Algumas barreiras arquitetônicas foram minimizadas na instituição com a construção de elevadores, rampas e banheiros adaptados. Porém, segundo as autoras, ainda falta acessibilidade, há uma necessidade da construção de pistas táteis, corrimão nas salas e corredores, sinalização nos estacionamentos assim como também um transporte dentro do campus para o aluno deficiente físico possa dirigir-se com maior mobilidade para unidades onde eles possuem aulas. Outras necessidades especiais que precisam ser supridas é a preparação de professores.

Outro dado importante é um maior acesso de alunos com deficiência visual na instituição e uma pequena quantidade de alunos com deficiência física, pois o número de pessoas com esta deficiência é maior na sociedade, e há um melhor acesso a educação para estes, pois necessitam apenas de adaptações físicas não sendo necessário uma adaptação na didática-pedagógica.

Há uma falta de acessibilidade no laboratório da instituição onde estes alunos estudam; as autoras consideram que se estes tivessem este acesso tecnológico, a aprendizagem e a inclusão no meio acadêmico seriam mais bem atendidas.

Como conclusão, as autoras verificaram que há uma necessidade de sensibilização das equipes da instituição: professores, técnicos e os demais funcionários para que se possa ter uma melhor interação entre o aluno e a comunidade acadêmica. Com condições adequadas, como tecnologias que criem condições ao desenvolvimento, os alunos podem ter um bom desempenho e vir a desenvolver suas atividades normalmente no meio acadêmico.

No estudo feito por Santos (2008) o autor busca investigar o acesso e a terminalidade de pessoas com deficiência no ensino superior. Para isto, realiza um levantamento bibliográfico de estudos na área da educação especial no ensino superior. “Percebe-se a ausência de estudos que se preocupem em compreender de forma específica o acesso pedagógico, a permanência e a terminalidade de alunos com deficiência no ensino superior em Sergipe” (SANTOS, 2008, p. 2).

O autor investiga também, o porquê de as leis que facilitam a acessibilidade, não estarem sendo cumpridas pelos administradores das instituições de ensino superior.

Percebemos que as pessoas com deficiência possuem mais dificuldades ainda, pois precisam lutar pela garantia do direito ao acesso e à sua permanência neste nível de ensino, que não possuem leis específicas, sobre as questões de acessibilidade e também inclusão da pessoa com deficiência (SANTOS, 2008, p. 4).

Como a pesquisa está em andamento, o autor espera, a partir dos resultados obtidos, mostrar que em Sergipe, assim como em uma grande parte das instituições de ensino superior do país, não existe um projeto de inclusão bem estabelecido.

Na pesquisa de Castro (2008), a autora, em seu trabalho, propõe discutir sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino superior. Para tal discussão, as autoras realizaram sua pesquisa em três instituições: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), onde estas realizam projetos de pesquisas e ações na área da educação especial. As autoras procuram mostrar a atual realidade dessas três instituições.

Na UFSM, através de dados coletados com alunos da própria instituição, verificaram que estes alunos afirmam que a universidade, assim como muitas outras, possui dificuldades para lidar com a deficiência.

Foi possível perceber, por meio de entrevistas, que os alunos após transporem diversas formas de exclusão presentes na sociedade em geral e em seu percurso, ao chegarem à universidade encontraram uma instituição pouco preparada para incluí-los de fato e com uma concepção de deficiência que pouco se altera do que foi instituído socialmente (CASTRO, 2008, p. 4).

Constatou-se também que a universidade, apesar do trabalho de conscientização acadêmica que vem realizando, ainda encontra-se com muitas dificuldades para a realização da inclusão na instituição, como a falta de recursos financeiros para a implementação de espaços de acessibilidade com informações, complementos tecnológicos e etc.

Na UFPR a realidade não é muito diferente, pois,

A universidade, como qualquer instituição de ensino, enfrenta dificuldades para lidar com estudantes que requerem ajudas específicas para aprender ou avançar em sua aprendizagem. Do mesmo modo, o despreparo, o desconhecimento e as representações construídas em torno das deficiências, das necessidades educacionais mais específicas, como desvio e incapacidade ainda estão presentes CASTRO, 2008, p. 6).

Dificuldades na relação com os professores também foram apontadas. Estes muitas vezes são influenciados por preconceitos, e tem dificuldades de aproximação do aluno com deficiência.

UFSCar, um centro de referências em pesquisas na área da educação especial, apesar de todo o reconhecimento que possui, também enfrenta dificuldades. Uma destas é sobre a questão de dados mais concretos sobre a situação dos alunos com deficiência na instituição. Além disso, são encontradas também, problemas como o deslocamento de uma área a outra, adaptação de material, o despreparo de professores e técnicos, falta de planejamento, dificuldades de relacionamento de alunos com deficiência com outros alunos ditos “normais” e etc., porém, a autora destaca que a instituição vem implementando mudanças para favorecer a inclusão destas pessoas.

A autora finaliza afirmando que

A preocupação deste trabalho, quando ressalta a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino superior, está em analisar e problematizar as medidas adotadas para garantir a acessibilidade e permanência destes alunos no ensino superior, destacando a realidade de três universidades brasileiras: a Universidade Federal de Santa Maria, a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Federal de São Carlos (CASTRO, 2008, p. 10).

Nascimento (2008), em seu artigo, traz alguns estudos feitos sobre a inclusão do aluno com deficiência visual no ensino superior. Para isso, a autora realizou uma

pesquisa bibliográfica voltada para a área. Nessa pesquisa, buscou como objetivos, analisar as políticas públicas que regulamentam os direitos dos alunos com deficiência na educação superior, identificar as necessidades específicas para a educação das pessoas em situação de deficiência visual assim também como verificar quais são os programas realizados pelas universidades públicas que apóiam o acesso e a permanência desse alunado.

Nos resultados obtidos, constatou-se, com as leituras realizadas, que existem no Brasil, leis que garantem o acesso e permanência dos alunos com deficiência visual, não só visual, mas também, outros casos de deficiências. Mas é preciso também que as instituições de ensino superior se mobilizem para que esta inclusão venha acontecer de fato.

Existe ainda muito a ser feito, pois milhares de pessoas com deficiência visual continuam marginalizadas, escondidas atrás de dificuldades e barreiras, que são mínimas e imperceptíveis para alguns, mas que se constituem em obstáculos intransponíveis nas atividades do cotidiano dessas pessoas, principalmente quando falamos na escolarização, educação nos diversos níveis, inclusive no ensino superior. (NASCIMENTO, 2008, p. 8 E 9)

Em uma outra pesquisa, feita por Chahini (2008), a autora vai em busca das barreiras existentes para o acesso e a permanência dos alunos com deficiência visual nas instituições de ensino superior de São Luís do Maranhão. Para sua pesquisa, ela analisou documentos oficiais das 15 instituições pesquisadas e realizou também entrevistas semi-estruturadas com 8 alunos, sendo 1 cego e os outros 7 baixa visão.

Seu objetivo geral foi analisar as principais barreiras existentes a serem superadas para que estes alunos viessem desfrutar do acesso e da permanência. Já os específicos era examinar documentos oficiais dessas instituições sobre o acesso e a permanência dos alunos com DV, verificar as principais dificuldades encontradas por estes alunos no acesso e na permanência nas instituições, assim como também verificar sugestões dos alunos inclusos para o acesso e permanência de um maior número de alunos com deficiência visual nas instituições de ensino superior de São Luís – MA.

Na pesquisa, metade dos alunos relataram que a maior dificuldade é a falta de recursos humanos especializados, já a outra metade relatou sobre a falta de recursos materiais adequados (livros em braile, materiais ampliados, metodologias adequadas).

A autora concluiu também que além de barreiras arquitetônicas, existem, em algumas das instituições, barreiras atitudinais por parte dos professores e de outros profissionais dessas instituições por dificultarem o acesso e a permanência desses alunos.

O que falta para viabilizar o acesso e a permanência de um maior número de alunos com deficiência visual na Educação Superior além de condições que assegurem aos mesmos uma Educação Básica de qualidade é profissional especializado para operacionalizar as leis, que viabilizam a inclusão dos referidos alunos à Educação Superior, além de Políticas Públicas eficazes que efetivem, nos regimentos das IES – MA, princípios que favoreçam acesso, permanência e atendimento especializado desses alunos desde o processo seletivo vestibular, até a conclusão de seus cursos.(CHAHINI, 2008, p. 8 e 9).

Nestes artigos pudemos verificar que a inclusão, no Brasil, ainda sofre diversos problemas, muitos alunos em situação de deficiência estão a margem da sociedade, não tendo o acesso que lhes é garantido. Seus direitos não têm sido respeitados. E quando têm o acesso, este não é adequado.

A oferta de oportunidades educacionais a todos os alunos, representa o grande anseio da sociedade brasileira. Muitas crianças, jovens e adultos não conseguem aceder à escola e, um número significativo de pessoas com deficiência enfrentam sérias dificuldades para serem escolarizadas e desenvolverem nas instituições escolares de nosso país um processo de aprendizagem inclusivo, compatível com suas necessidades educacionais especiais (MELO e MEDEIROS, 2007, p. 2).

A inclusão tem sido negada em muitas instituições de ensino superior. Algumas já estão se adaptando aos alunos em situação de deficiência, porém a grande maioria não oferece um atendimento adequado para que este aluno possa ter uma permanência e vir a concluir um curso superior. Há carência na acessibilidade, falta de infra-estrutura adequada para que possam ter uma melhor aprendizagem e a inclusão no meio acadêmico possa ser de fato uma realidade, uma formação e sensibilização de professores e as demais equipes das instituições para poderem atender a estes alunos de forma adequada.

Outro problema também são os preconceitos, as representações que estão enraizadas em nossa sociedade. Há que se trabalhar com a aceitação das diferenças tanto nas escolas, como nas instituições de ensino superior assim como também na sociedade em geral.

Há que se atentar também para a necessidade de adaptações as provas de vestibular de acordo com as necessidades educacionais especiais de cada um, para que um maior número de alunos em situação de deficiência possam vir a ingressar em um universidade. E para que este ingresso possa ocorrer, é importante que a escola desempenhe um bom papel lá no ensino médio deste aluno, buscando alternativas pedagógicas para que ele possa continuar a prosseguir com os estudos.

### 3. LOCUS DE PESQUISA E FALAS DOS SUJEITOS

Neste Capítulo será feita uma discussão sobre o lócus de pesquisa que é o Núcleo de Educação Especial (NEES) da UFPA/PA/Marabá e o Grupo de Estudos do Pré-vestibular para deficientes visuais. Mais a frente serão analisadas as falas do sujeito da pesquisa baseando-se na Análise de Conteúdo, a qual foram transformadas em diferentes categorias.

#### 3.1. NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UFPA E O GRUPO DE ESTUDOS DO PRÉ-VESTIBULAR.

Procura-se fazer aqui um breve relato sobre o trabalho, desenvolvido pelo Núcleo de Educação Especial (NEES) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com alunos deficientes visuais e auditivos, focalizando porém, no grupo de estudos com alunos deficientes visuais por serem estes os sujeitos desta pesquisa.

O NEES foi criado em março de 2007, dentro do Curso de Pedagogia<sup>5</sup> para desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão na área da educação especial.

O NEES começou a ofertar disciplinas, num total de 180 horas, abrangendo as concepções e metodologias de ensino para pessoas cegas, com baixa visão, surdas e com deficiência múltipla. Como tais disciplinas buscavam articular ensino, pesquisa e extensão, alunos e professores nelas envolvidos passaram a fazer o levantamento da situação educacional, no município, particularmente no que se referia à inclusão (ANJOS, CHAGAS, SANTOS e SILVA, 2009, p. 2).

O núcleo passou a desenvolver, então, um projeto que buscava analisar e avaliar o processo de inclusão no município de Marabá. Mais tarde foi aprovado o Núcleo de Acessibilidade, através do Programa INCLUIR (MEC/SESu/SEESP), “com o objetivo de começar a quebrar as barreiras dos espaços universitários para as pessoas em situação de deficiência” (Op. Cit. 2009, p. 3).

A partir daí formou-se em 2008, um grupo de estudos com alunos deficientes auditivos e visuais com o objetivo de reforçar os conteúdos do ensino médio, estudados por eles na escola básica, na preparação para o vestibular.

O grupo de alunos deficientes visuais estava composto de 3 alunos cegos e 4 com baixa visão, assim como também bolsistas do NEES treinadas pelo CAP (Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual), para o atendimento educacional destes

---

<sup>5</sup> O Curso de Pedagogia da faculdade de Educação da UFPA/Campus de Marabá exige, em sua organização curricular, a opção por participar em pelo menos 1 núcleo de ensino, pesquisa e extensão, são eles: Núcleos de Educação Ambiental (NEAM) Educação do Campo (NECAMPO); Educação, Tecnologias Informáticas e Comunicacionais (NETIC); Educação Especial (NEES); Arte Educação (NUAR). (Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia/Campus de Marabá).

alunos; e discentes voluntários (monitores) dos cursos de Pedagogia, Letras, Engenharia de Minas e Meio Ambiente, Matemática e Ciências Sociais. Estes ministravam disciplinas do ensino médio de acordo com o conteúdo programático do vestibular da UFPA.

As aulas eram ministradas aos sábados pela manhã nas salas da UFPA e o material era adaptado em braile ou com fonte ampliada, de acordo com a deficiência de cada aluno. Durante a semana era realizado o atendimento individual assim como a produção do material pedagógico.

O atendimento cotidiano e a realização de atividades específicas que envolvam a formação dos alunos em situação de deficiência se fazem necessários, não só para criar maiores possibilidades de que estes sejam aprovados no vestibular, mas também para ampliar a competência, no interior da universidade, em lidar com formas diferenciadas de aprender (Op. Cit. 2009, p. 5).

Na inscrição para o vestibular da UFPA, dois alunos optaram pelo curso de ciências sociais, dois pelo curso de sistema de informação e um pelo curso de direito. Os outros dois não efetuaram a inscrição pelo fato de um deles ainda estar cursando o ensino fundamental e o outro por não estar matriculado no ensino médio da escola regular. Três dos alunos efetuaram também a inscrição na Universidade Estadual do Pará (UEPA), sendo que dois optaram pelo curso de ciências naturais – química, o outro pelo curso de engenharia de meio ambiente.

Dois destes alunos conseguiram passar para a segunda e terceira fase tanto da UFPA como da UEPA, mas apenas um teve a aprovação nas duas instituições. O aluno foi aprovado em ciências sociais pela UFPA e química pela UEPA.

Como resultado observa-se que houve uma troca de conhecimentos de ambas as partes. Informações acerca da inclusão e do atendimento especializado aos alunos deficientes visuais, passaram a fazer parte da vida dos monitores, o que antes era uma realidade não conhecida e vivenciada no cotidiano destes discentes. O grupo de estudos proporcionou aos alunos com deficiência visual uma revisão específica dos conteúdos do vestibular assim como também o uso do espaço universitário que antes não era vivenciado por eles.

A convivência e o uso dos espaços universitários dos alunos com baixa visão, cegos e surdos através dos grupos de estudos, tem lhes dado uma dimensão mais clara do que é a universidade e, a todos nós, a dimensão das barreiras que enfrentaremos no futuro, quando tais alunos estiverem engajados no ensino superior (Op. Cit. 2009, p. 10).

Infelizmente, nota-se que o ingresso de alunos em situação de deficiência em uma instituição de ensino superior ainda é pequeno, isso devido às várias dificuldades

encontradas por estes tanto no ensino médio, como na preparação para o vestibular e até no processo seletivo.

Existe ainda muito a ser feito, pois milhares de pessoas com deficiência visual continuam marginalizadas, escondidas atrás de dificuldades e barreiras, que são mínimas e imperceptíveis para alguns, mas que se constituem em obstáculos intransponíveis nas atividades do cotidiano dessas pessoas, principalmente quando falamos na escolarização, educação nos diversos níveis, inclusive no ensino superior (NASCIMENTO, 2008, p. 9).

Por isso este grupo projeta para resultados futuros

a potencialização dos conflitos gerados pela discriminação e pelas barreiras existentes na universidade, permitindo o enfrentamento de tais conflitos e a transformação nas relações, criando condições para o acesso das pessoas em situação de deficiência a formação superior. Da mesma forma, espera-se o fortalecimento das relações entre as ações da universidade (atividades das disciplinas, NEES, projetos de pesquisa) e sociedade (ação dos departamentos de educação especial, nas secretarias de educação, das instituições especializadas, das associações, dos conselhos – tutelares, de direitos, de deficientes) (ANJOS, CHAGAS, SANTOS e SILVA, 2009, p. 2).

Espera-se que estas instituições de ensino superior possam garantir a permanência e a formação deste aluno no curso. Para isso é necessário que haja o respeito de suas limitações e que ações sejam desenvolvidas para que sua inclusão seja de fato efetivada dentro da universidade.

### 3.2. ESTUDANDO AS FALAS DOS PRÉ-VESTIBULANDOS A PARTIR DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.

A Análise de Conteúdo (AC) é antiga, surge com a necessidade da interpretação das parábolas, metáforas, sinais, etc., contidas em textos bíblicos. Essa tentativa de saber o que estas mensagens significavam abriu campo para a sistematização da análise do conteúdo das mensagens.

A AC é um procedimento usado como ferramenta de investigação para identificar em uma determinada comunicação manifesta a sua descrição objetiva. Por isso o seu ponto de partida é a mensagem, sendo que esta pode estar na forma verbal, gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada (FRANCO, 2005, p. 13). Mensagens estão veiculadas a condições contextuais que envolvem todo um histórico de seus produtores, que muitas vezes estão carregados de ideologias, valores, crenças, influências que foram socialmente construídos com o tempo e que provocam diferentes comportamentos e ações. Estas mensagens são transmitidas e através delas o pesquisador faz inferências com relação ao elemento de comunicação analisado.

O analista é um arqueólogo. Trabalha com *vestígios*... mas, os vestígios são as manifestações de estados, de dados e de fenômenos. Há mais alguma coisa a descobrir por e graças a eles... tal como a etnografia necessita da etnologia, para interpretar suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para *inferir* (de maneira lógica) conhecimentos que extrapolem o conteúdo manifesto nas mensagens e que



podem estar associados a outros elementos (como o emissor, suas condições de produção, seu meio abrangente etc.) tal como um detetive, o analista trabalha com *índices* cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos (Op. Cit. 2005, p. 25).

Em uma comunicação, a fala humana traz importantes interpretações, porém há que se ter o cuidado em não se fazer uma análise baseada em equívocos. Os resultados devem estar refletidos nos objetivos da pesquisa tendo como apoio sinais manifestos na comunicação. Além do mais, há que se preocupar também que em uma AC as descobertas devem ter uma relevância teórica, ou seja, uma informação deve estar diretamente relacionada a outra informação ou dado.

Assim, toda análise de conteúdo, implica comparações contextuais. Os tipos de comparações podem ser multivariados. Mas, devem, obrigatoriamente, ser direcionados a partir da sensibilidade, da intencionalidade e da competência teórica do pesquisador (Op. Cit. 2005, p. 16).

### 3.3. CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO E CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

As falas aqui analisadas fazem parte de entrevistas feitas com 4 alunos deficientes visuais que estão classificados como entrevistado A, B, C e D. Estes alunos estão incluídos em salas regulares do ensino médio da rede pública de Marabá-Pa, durante o processo de pesquisa, faziam parte do grupo de estudos para o vestibular, uma das atividades desenvolvida pelo Programa de Extensão do NEES/NACE (Núcleo de Educação Especial e Núcleo de Acessibilidade) do Campus Universitário de Marabá, Universidade Federal do Pará . Dois destes alunos estavam no 3º ano, um aluno no 2º ano e o outro já havia concluído os estudos. Um aluno era cego e os outros três tinham baixa visão. Para a realização das entrevistas, elaborou-se uma série de perguntas abertas (roteiro semi-estruturado), e estas foram feitas através de uma conversa que foi gravada e transcrita na íntegra, baseando-se em Preti (1997). Logo depois fez-se um recorte das falas, de modo que estas foram organizadas em dez categorias de análise. Portanto a pesquisa aqui realizada é qualitativa e fundamenta-se em teorias da Análise de Conteúdo – AC, apoiando-se em conceitos postulados por Franco (2005).

#### 3.3.1. Algumas dificuldades encontradas durante o ensino médio no preparo para o vestibular

Nesta análise foram verificados alguns problemas de forma geral que os alunos em situação de deficiência enfrentam. Foi pedido a estes que falassem de algumas dificuldades encontradas por eles como vestibulandos.

Muitas vezes estes problemas começam na escola onde os professores não são devidamente preparados, como é encontrado na fala de um aluno que critica a formação de professores:

a escola...a escola não / até porque hoje os professores do estado eles não...não tem curso pra / de capacitação... pra trabalhar com o deficiente visual... o estado só fala assim “ olha sua sala é aquela lá...a sala cinco tem trinta alunos” o professor quando adentra na sala... quando:: chega na sala... vai ver os três... quatro... cinco deficientes visual com a mesma deficiência... e ele vai ter que dar aula pra aqueles deficientes... ele não pode recusar os... as pessoas que tenha deficiência... e ai aquela questão... quem tem a visão vai aprender e quem é deficiente visual vai... vai / eles vão / se tiver.. se tiver:: / o aluno for dedicado mesmo vai aprender... agora se não for vai ficar ali toda vida sentado na sua cadeira... e não vai aprender nada (Entrevistado A, p.5, ls. 244 a 254).

Muitas vezes também os alunos, não recebem um ensino de qualidade, que os prepare para encarar um vestibular como cita o entrevistado abaixo:

é::... a rede pública de ensino hoje ela não capacita o aluno... pra o vestibular então da...da essa preocupação de sempre querer estudar mais um pouco pra poder tentar o vestibular... essa é a realidade né... da nossa rede de ensino pública (Entrevistado B, p. 7, ls. 300 a 303).

Os alunos criticam também sobre a dificuldade que existe para um aluno com deficiência ingressar em uma universidade,

pra pessoa que tenha a deficiência visual ou qualquer/ mais a mais afetada... mais... a mais difícil é pra defi/ é pra o deficiente visual... é se ingressar na facul / no vestibular e entrar / adentrar nos nos estudos... é dificilmente... é raro um deficiente visual fazer todos... é terminar todos... todos os estudos... a maioria é... dos deficientes visuais... eles é::... param de estudar no ensino fundamental nem completam o ensino fundamental... ai param... porque não dão contam por causa das dificuldades (Entrevistado A, p. 1, ls. 27 a 34).

Outro entrevistado fala também sobre este acesso que muitas vezes é impedido pois a dificuldade é “dobrada” ou “triplicada” como cita ele, isso por causa da carência do acesso a informações e a conteúdos a adaptados.

bastante... pra o aluno deficiente não só ingressar na: na faculdade mais também concluir o ensino médio o:: o trabalho é dobrado... na maioria das vezes triplicado por falta de:: livros adaptado... por falta de conteúdo... se torna MUito mais difícil (Entrevistado B, p. 1, ls. 24 a 27).

Na fala do entrevistado abaixo há uma certa preocupação quanto ao ingresso em uma universidade, mostrando-se um pouco aflito quanto as futuras barreiras a enfrentar e os futuros sofrimentos como cita ele:

isso... mais me preocupo se chegar a entrar...se eu chegar a entrar na: universidade é::... como vai ser...como eles vão me receber... se irá:: haver preconceito... se os professores vão me receber bem... isso tudo já preocupa... acho que qualquer deficiente como ele vai... / como vão:: receBER /como ele vão:: nos receber... então a gente sofre um pouquinho... com isso... já no ensino médio na escola T. D... eu já tenho essa dificuldade... então já é por isso que a gente já se preocupa... quando a gente vai:: / faz::... é uma prova de vestibular... e se passar... a gente já ta sofrendo porque no ensino médio na escola eu já soffro... imagine num...numa...numa universidade que as aulas são MAIS... os:: textos... o conteúdo... TUDO É

MAIS... então:... a gente se preocupa com tudo isso (Entrevistado C, p.1, ls .45 a 55).

A maioria dos alunos reclamou que estas dificuldades no preparo para o vestibular se devem principalmente ao material adaptado, que muitas vezes não é confeccionado, e quando é, chega atrasado.

dificuldades:... as dificuldades são... por / muitas por causa do:: material de apoio pedagógico... material: didático na sala de aula... as dificuldades são essas... se não fosse... se tivesse todos os materiais a gen/ eu tinha certeza que não tinha nenhuma dificuldade... ia ser um:... passo só mais um passo como se fosse uma... uma mudança de de ano de uma série pra outra (Entrevistado A, p.1, l.38 a 43).

material didático... a questão é o material didático pra os alunos os os ditos normais... é:... o:: é:: o material deles é entregue é:: antecipado ou às vezes no dia mesmo certo... e o nosso só chega depois... depois de duas semanas que vai chegar o material impresso em braile... e ai a gente fica perdido... até na prova as vezes... cai a questão na prova a gente nem estudou porque o material não chegou ainda pra prova / que tinha que estudar pra prova (Entrevistado A, p.1 e 2, ls. 46 a 52).

Essa falta de material adaptado para o aluno em situação de deficiência não se verifica somente na escola, mas também nas bibliotecas, onde não existem livros adaptados para que estes possam usar como uma ferramenta de estudo:

é falta / a falta de material adaptado a falta de livros... é nas bibliotecas públicas e:: (Entrevistado B, p.1, ls. 32 e 33).

Além dos materiais, os equipamentos como impressora braile, encontram-se danificados, impossibilitando muitas vezes, esta adaptação:

impressora braile ta com problema... então a gente/ ai a gente começar a ter problema... e ai:... o deficiente visual ele vai ter que começar a se vira::r enquanto arruma né impressora... mais a gente não sabe quando isso vai ser feito... então o deficiente visual já tem que começar a correr e preparar o material (Entrevistado C, p. 1, ls. 78 a 82).

Para que o concerto seja feito, há a necessidade de enviar a impressora braile para outro estado, pois este não possui técnicos para fazer a manutenção.

Estas são algumas das muitas dificuldades encontradas por estes alunos, uma destas é a necessidade de formação de professores, que muitas vezes tem em suas classes alunos com deficiência e que não sabem como agir, sentindo-se muitas vezes impotentes diante da situação. O papel que tem sido exercido em muitas escolas é somente de “jogar” este aluno na sala de aula, deixando que o professor faça o resto do trabalho. Uma educação inclusiva requer muito mais,

A construção de uma educação inclusiva requer uma reestruturação dos sistemas de ensino que devem organizar-se para dar respostas às necessidades educacionais de todos os alunos. Esse propósito exige ações práticas e viáveis que tenham como perspectiva operacionalizar a inclusão social e escolar de todas as pessoas, independente de suas necessidades (Rocha e Miranda, 2007, p. 3 e 4).

### 3.3.2. A convivência e o uso do espaço universitário pelos alunos do ensino médio

Foram encontrados nessa análise trechos que mostram *a convivência e o uso do espaço universitário pelos alunos do ensino médio* a partir do momento em que teve início o grupo de estudos do pré-vestibular, passando os alunos a freqüentar diariamente a universidade.

No recorte dessas falas, houve a necessidade de dividi-las em dois momentos: o primeiro, que mostra os *espaços da universidade freqüentados pelos alunos*; num segundo os espaços *ainda não usados pelos alunos*, cuja razão pode ser a falta de acessibilidade dentro da universidade.

No primeiro recorte, notas-se que com o projeto do grupo de estudos houve também a quebra de barreiras dentro do espaço universitário da UFPA (ANJOS, CHAGAS, SANTOS e SILVA, 2009, p. 3), onde os alunos em situação de deficiência passaram a estar diariamente neste ambiente, freqüentando diversos locais da UFPA, aprendendo assim a se locomoverem dentro da instituição.

No trechos abaixo o entrevistado A, fala da importância que é para o deficiente visual estar se familiarizando com o espaço e mostra freqüentar alguns ambientes da universidade.

eu tenho freqüentado bastante a universidade... já aprendendo os locais... porque com certeza eu vou fazer vestibular aqui... então eu vou estudar aqui no próximo ano... então eu tenho que conhecer o espaço pra quando eu começar a estudar... eu não ficar perdido no espaço... porque é até amplo o espaço... é bem amplo... pro deficiente visual é fundamental ele andar no local... conhecer o local pra ele fami... famili... (Entrevistado A, p. 8, ls. 369 a 374).

O entrevistado B cita alguns locais freqüentados por ele dentro da universidade:

na universidade... o NEES... o laboratório de informática... já tive acesso... (Entrevistado B, p. 6, l. 273).

ai continuando tem o:: o auditório... (Entrevistado B, p. 6, l. 279).

algumas salas que nós... nós estamos tendo aula ne... (Entrevistado B, p. 6, l. 283).

já estive na biblioteca (Entrevistado B, p. 6, l. 285).

Os dois alunos acima citados conhecem diversos ambientes da instituição, e não se limitam a freqüentar apenas alguns espaços. Porém nas outras falas de outros alunos entrevistados o uso do espaço é restringido por eles, fazendo o uso somente das salas onde funciona o grupo de estudos; do NEES e do Tapirí (que é a lanchonete do campus), como cita o entrevistado D logo abaixo:

eu freqüento o NEES... tapiri... e a sala né pra onde nós vamos (Entrevistado D, p. 9, l. 430).

não... nunca fui no laboratório... eu só ando nesses três lugares... sempre nesses três lugares (Entrevistado D, p. 9, ls. 435 a 436).

biblioteca nunca fui...nada disso eu tive acesso...nunca andei (Entrevistado D, p. 9, l. 438).

Já o entrevistado C também faz o uso do NEES, mas também do auditório quando ocorrem eventos na instituição.

eu:: freqüente mais aqui... o NEES... la o:: auditório (Entrevistado C, p. 6, l. 280).

Infelizmente nem todos os espaços da instituição são acessíveis por existirem nesses lugares certas barreiras que impedem os alunos em situação de deficiência o acesso, como é o caso do entrevistado A:

não... não... eu tive no laboratório de informática é sem nenhuma... não tem nenhuma acessibilidade... acho que não sei se é porque ainda não olharam ainda pra esse lado... eu achei dificuldade... por isso não pude usar nenhum computador porque não tinha uma nenhuma... nenhuma caixinha de som... não tinha aparelho nenhum que desse suporte a um deficiente visual (Entrevistado A, p. 8, ls. 383 a 387).

O aluno não pode fazer uso do laboratório por não existir nenhum programa, software, nenhum meio de acesso aos computadores que possa dar o suporte ao aluno com deficiência visual. Sobre isso Rocha e Miranda (2007) afirmam que:

a partir do momento em que a Universidade promova o acesso da pessoa com deficiência na Instituição, deve oferecer condições pedagógicas e tecnológicas adequadas. Com isso, certamente, teremos um maior número de deficientes sendo encorajados a ingressarem na instituição (Rocha e Miranda. 2007. p. 12).

O aluno também cita sobre as barreiras arquitetônicas encontradas na estrutura da universidade:

é... o campus num tem... por incrível que pareça também foi feito a obra... foi feito uma construção e não tem um / tem uma acessibilidade... mas é um acessibilidade terrível ne (Entrevistado A, p. 8, ls. 403 a 405).

a questão da acessibilidade --como eu falei anterior -- é... a universidade não tem... não sei como é que uma pessoa por exemplo... um cadeirante vai estudar num campus desse que não tem uma acessibilidade adequada um:: (Entrevistado A, p. 9, ls. 418 a 421).

as rampas são muito elevadas... muito altas... e:: não tem mesmo / pode se dizer que não tem acessibilidade pra o deficiente... acho que a universidade não está preparado ainda o::... espaço físico pra atender um deficiente visual e:: (Entrevistado A, p. 9, ls. 425 a 428).

Infelizmente a estrutura física da UFPA em Marabá não atendeu em parte as necessidades do aluno com deficiência visual, em específico o aluno cego. A instituição possui algumas rampas, porém algumas muito inclinadas. Um outro problema é o pátio da universidade, onde não há um local específico para o estacionamento de carros e motos, dificultando assim a locomoção do aluno cego que faz o uso de sua bengala,

onde muitas vezes acaba esbarrando nos veículos estacionados de forma desordenada pelos espaços.

Essa falta de acessibilidade faz com que o aluno em situação de deficiência deixe de frequentar alguns lugares como a biblioteca por não possuir livros em braile ou ampliados; laboratórios de informática por não haver *softwares*, adaptações ao aluno deficiente visual e também o espaço físico inadequado da universidade que acaba atrapalhando a locomoção do aluno. Isso pode acarretar no aluno um desinteresse, desmotivação, por não haver na instituição em que estuda, meios que atendam suas necessidades.

Muitos desses espaços não foram usados pelos alunos pela falta de acessibilidade e outros também por falta de iniciativa, tanto do grupo de estudos como dos alunos em situação de deficiência. A falta de acessibilidade não se constituiu aí exatamente como um impedimento para que eles não pudessem frequentar certos lugares. Um exemplo disso é o NEES o qual apresenta dificuldades de acessibilidade física, porém os alunos sempre frequentam não somente aos sábados mas também durante a semana. Percebe-se a necessidade de se fazer uma programação, estudos, uma exploração dos espaços não frequentado por estes alunos.

### **3.3.3. Dificuldades sobre a definição da área na qual os alunos prestarão vestibular**

Nas falas analisadas foi tomada como categoria geral *as dificuldades sobre a definição da área a qual os alunos prestarão vestibular*. Os trechos analisados foram divididos em três diferentes situações: na primeira situação, os alunos mostram dúvidas acerca do curso a ser escolhido; na segunda, os alunos fazem a escolha do curso, mas por sugestão, indicação de outra pessoa e em um terceira situação há a escolha de uma área por falta de opção de outros cursos na universidade.

Na fala abaixo, o entrevistado mostra dúvidas acerca do curso, percebe-se aí a falta de conhecimento sobre a área escolhida, pois o aluno optou por Engenharia Ambiental por achar mais fácil a aprovação, não tendo se quer uma noção do que é realmente o curso, da grade curricular, e se este realmente se identifica ou não com a área.

o que me veio mais assim...a mente mais:...mais...como é que eu posso te dizer...mais fácil eu não sei se é mais fácil... mais pra tentar entrar...engenharia ambiental... vamos ver o que vai dá (Entrevistado C, p.. 1, ls 18 a 21).

Em uma outra fala o aluno demonstra dúvidas em duas áreas:

eu estou dividido entre... sistema de informação e matemática” (Entrevistado B, p. 1, l. 6).

Nas falas percebe-se a total desinformação a respeito do curso a ser escolhido no processo seletivo, assim como dúvidas a respeito do que optar.

Em um segundo momento é encontrado nas falas a escolha do curso sugerida por outra pessoa:

ciências sociais am:: não foi nem tanto pela minha escolha mas foi que as pessoas me disseram com que ia/com que me identifico... então não custa nada tentar... essa área então ...eu vou entrar nela ...de cabeça (Entrevistado C, p. 1, ls, 14 a 16).

E em um terceiro momento é encontrada nas falas a escolha do curso por falta de opções na instituição, como podemos ver abaixo:

a UEPA eu fiz inscrição:... e:/ ciências naturais na UEPA (Entrevistado A, p. 1, l. 14).

FALTA DE OPÇÕES (Entrevistado A, p. 1, l. 18).

Na primeira fala, o aluno cita o curso escolhido por ele na instituição e logo depois afirma que foi feita por falta de outros cursos na referida instituição.

Em uma outra fala a aluna afirma o seguinte:

engenharia ambiental na UEPA por falta de:... am:: por falta de...de...de ...de outros cursos mais interessantes então... o que me veio mais assim...a mente mais:...mais...como é que eu posso te dizer...mais fácil eu não sei se é mais fácil... mais pra tentar entrar...engenharia ambiental... vamos ver o que vai dá (Entrevistado C, p. 1, ls. 14 a 20).

Percebe-se nestes recortes feitos das entrevistas dos alunos, as várias dificuldades encontradas por eles na escolha de um curso a qual optarão para concorrerem ao processo seletivo do vestibular. Muitas vezes estas dúvidas, estas escolhas feitas de modo precipitado, sem um pré-conhecimento da área; mostram a falta de informação que poderia ter sido suprida através de um trabalho realizado na própria escola do aluno ou até na instituição de ensino superior na qual prestarão o vestibular.

### 3.3.4. Incentivos da família

Nesta categoria, buscou-se fazer uma análise acerca do apoio familiar para com os alunos que estão no processo de preparação para o vestibular. Na categoria analisada este incentivo foi encontrado de duas maneiras diferentes: *quando os pais apóiam e participam da vida escolar do aluno* e quando há a *falta de incentivo e participação dos pais*.

Quando os pais apóiam e participam da vida escolar dos alunos, este apoio se dá de diferentes maneiras, uma destas é incentivando o aluno nos estudos:

eu tenho um incentivo né em casa por... por meus pais não terem um... um grau de escolaridade elevado... então eu tenho apenas um incentivo deles (Entrevistado B, p. 1 ls. 46 a 48).

Quando perguntado ao aluno como se dá esse apoio, este responde que é um “apoio moral”, para que busque alcançar os objetivos almejados por ele. Como pode-se ver no trecho abaixo:

ta dando o apoio:: é:... eu diria um apoio moral... pra eu ta correndo atrás do meu objetivo (Entrevistado B, p.2, ls. 50 e 51).

Uma outra forma de incentivo identificada nas análises diz respeito aos pais ajudarem na locomoção do aluno até a escola:

esse apoio é:: me traZENdo pra escola me levan/é esperando me levando de volta( ) fazendo sempre o que é possível pra que eu esteja estudando sempre atualizada pra fazer a prova do vestibular (Entrevistado C, p. 3, ls. 117 a 119).

Este entrevistado possui pouco resíduo de visão, e como estuda também durante a noite, tendo aulas de reforço em uma escola pública que fica distante de sua casa, necessita de ajuda da mãe na locomoção até o local.

Em uma fala de outro aluno, quando perguntado a ele de que forma se dá o apoio dos pais, este responde que é através da “cobrança”:

assim... é... eles sempre:: cobra assim de mim...do do...do estudo... sempre... sempre eles é:: é: eles falam pra mim correr...é::... buscar os:: meus objetivos e cobram assim muito os estudos (Entrevistado D, p. 2, ls. 55 a 57).

Em algumas falas há também críticas sobre a falta de incentivo por parte dos pais. Na fala abaixo o aluno fala que a mãe o ajuda :

a minha família::... A MINHA MÃE que ME AJUDA... ela faz a:: me da algumas ajudas mas... (Entrevistado A, p. 2, ls. 57 e 58).

Porém logo abaixo questiona sobre a falta de acompanhamento escolar que deveria ser realizada pela mãe.

muita falta assim da minha mãe... que ela não vai na escola saber como é que ta indo as minhas notas... como é que eu to... como é que ta SENdo lá na escola... é uma mãe que / EU HOJE / ne nem SÓ a minha... todas as mães / os alunos hoje:... ditos normais também... as famílias... poucas famílias que vai saber como é que está o aluno na escola... como é que ta sendo... a sua:: vida na escola (Entrevistado A, p.2, ls. 62 a 67).

Pode-se perceber nas falas de alguns entrevistados a afirmação de que há o apoio de alguns pais na vida escolar. Mas nota-se que este apoio se resume apenas em “ir levar ou buscar o filho até a escola”, “cobrar”. Apenas um aluno questiona a falta de incentivo com relação ao acompanhamento escolar.

Infelizmente estes pais não tem procurado saber como anda a vida escolar do aluno, como está o seu desenvolvimento, o relacionamento com o professor e a turma, se este aluno está de fato sendo incluído na sala. Lembrando que a família tem ai um papel fundamental na vida escolar deste aluno, mas este papel tem sido representado de forma superficial por alguns, isto se torna um grande problema, pois muitos apenas colocam o filho na escola e não dão o devido apoio, isso não acontece apenas nos casos



de alunos em situação de deficiência mas é um problema geral que traz dificuldades aos professores e a todo o sistema escolar devido a essa ausência de muitos pais.

### 3.3.5. Incentivo do professor da sala regular

Nesta categoria encontramos atributos que se referem ao professor como um incentivador, e também ao professor não incentivador.

Quando este incentiva, é caracterizado como um professor preocupado em cobrar, dar atenção, incentivar, aconselhar e apoiar. Como pode-se notar nas falas abaixo:

cobrando um pouco mais que::... uma atenção maior... no que eu estava fazendo... porque:: numa prova de vestibular ele ia precisar... e sempre:: dando dicas de vestibular... de questões que poderiam cair... então:: sempre há essa / sempre houve essa... essa preocupação (Entrevistado B, p. 2, ls. 92 a 95).

sim... eles... eles apóiam ...inclusive é...eles falam que... sempre eles dão conselho pra gente quando a gente ta no ensino médio “procura fazer um cursinho pro pré...pro pré-vestibular que hoje o mercado de trabalho ta muito difícil...e...e quando terminar o ensino médio não é simplesmente acabou por aí... tem que fazer uma universidade... pra conseguir um bom emprego” (Entrevistado D, p. 2, ls. 76 a 80).

Já o professor não incentivador rotula o aluno em situação de deficiência como menos capaz do que o aluno dito normal, colocando barreiras que impedem o desenvolvimento deste aluno. Na fala do entrevistado abaixo ele deixa claro estas rotulações:

incentivam sim... só / alguns incentivam... e outros já vê / pensam... falam que:: as vezes até falam pra gente “olha a aqui que os normais já não dão contam não dão / não conseguem passar / fazer um vestibular... imagine vocês que tem dificuldades” ai pelo um... **pelo um la/ PELO UM LADO a gente vê mesmo / eu mesmo vejo que... / é porque... as pessoas que recebem material didático é:: regularmente... tem dificuldades no vestibular... imagina o deficiente visual que tem a dificuldade pra... pra tar lendo... fazendo a leitura do conteúdo... inda recebe atrasado... eu acho que tem umas dificuldades sim... mas... não é por isso que a gente vai... deixar de... de:: fazer o vestibular... tentar fazer (Entrevistado A, p.2, ls. 90 a 99).**

Nota-se que na fala grifada o aluno estigmatizado passa a concordar com o professor, passando assim a duvidar da própria capacidade.

Esta atitude do professor mostra que infelizmente muitos ainda fazem essa associação da pessoa em situação de deficiência como um ser ineficiente como afirma Rodrigues

Por essas atitudes se obtêm os pré-conceitos, as opiniões já formadas a respeito de um determinado assunto, objeto ou pessoa, como por exemplo, a representação da criança como um ser “puro”, “frágil”, “ingênuo”, ou as representações sobre a deficiência, que as associam a “anormalidade”, “ineficiência” ou “doença”. (RODRIGUES, 2007, p.101).

Nota-se nas falas dos entrevistados a preocupação de alguns professores quanto ao ingresso do aluno em uma IES, porém outros infelizmente dificultam este processo colocando barreiras que muitas vezes acabam desmotivando os alunos por causa de sua deficiência.

### 3.3.6. Dificuldades encontradas com relação às áreas do conhecimento

Esta categoria procura agrupar as dificuldades encontradas pelos alunos em situação de deficiência em algumas disciplinas estudadas por eles no ensino médio. As disciplinas citadas por eles nas entrevistas foram química, física, matemática, biologia, português, redação e em leituras em geral.

Segundo o entrevistado abaixo as disciplinas de física, química e matemática são as que ele mais encontra dificuldades:

Matemática...química e física são... são as três matérias difícil...DIFÍCIL MESMO para o deficiente visual...muito difícil por causa dos gráficos e números...envolvendo números... colunas... e:: demais... (Entrevistado A, p.5, ls. 210 a 212).

Mesmo com algumas adaptações em matemática, por exemplo, o entrevistado diz ter dificuldades para acompanhar, pois a disciplina envolve números, gráficos e tabelas que tornam ainda mais difícil para o deficiente visual aprender a matemática.

material:...e pra você / mesmo o material am/...mesmo o material sendo produzido...pra você acompanhar todos os relevos... por exemplo... matemática... matriz... ter que acompanhar todas...todas as colunas... linhas... e os números dentro é terrível... química também é uma:... é muito difícil pra o deficiente visual... estudar... mesmo com algumas adaptações...é difícil (Entrevistado A, p.5, ls. 216 a 221).

Um outro entrevistado também ressalta que estas são as três matérias a qual ele mais sente dificuldades para aprender:

Sim... em algumas matérias eu tenho dificuldades sim em algumas matérias... por exemplo ...física... matemática... química... essas matérias que eu tenho mais:... tenho dificuldades (Entrevistado D, p.1, ls. 40 a 42).

Percebe-se que estas dificuldades estão principalmente na disciplina de matemática que envolve cálculos e que muitas das vezes acaba refletindo nas disciplinas de física e química onde é necessário ter noções de matemática. O entrevistado afirma ser “ruim” em operações simples da matemática como multiplicação e divisão:

assim é ((incompreensível)) a gente sente essas dificuldades porque... é:: porque é:: porque assim... Física... é:: mexe muito com é:: com a:: matemática ai... e:: -- como eu falei pra vocês-- é:: é eu sou ruim de... eu tenho dificuldade mais de... de multiplicar e::... de divisão... e quando chega na hora dos cálculos a gente tem que resolver cálculos... ai eu me sinto assim... ((incompreensível)) assim ((incompreensível)) (Entrevistado D, p. 4, ls. 204 a 209).

Este problema tem se tornado comum na escola pública onde um aluno entra na escola, passa de ano mas ao sair da escola não aprendeu nada, e isso tem acontecido não

somente com alunos em situação de deficiência mas também com alunos ditos “normais”. O problema é grave pois muitos destes alunos tem saído da escola sem aprender no mínimo as quatro operações básicas da matemática, isso faz com que muitos não tenham acesso ao ensino superior, pois são reprovados nos processos seletivos por terem tido na educação básica uma aprendizagem precária.

Dentre os alunos com deficiência visual que vêm recebendo alguma forma de atendimento “especial”, percebe-se que a maioria não está conseguindo chegar à Educação Superior o que torna o problema especialmente grave, pois existem possibilidades para promover níveis altamente satisfatórios de escolaridade, caso haja recursos materiais e humanos especializados em alunos com deficiência. Tais recursos devem ser operacionalizados desde a Educação básica até a Educação Superior (CHAHINI, 2008, p. 2).

Esta citação pode ser comprovada na seguinte fala a qual o entrevistado diz que:

eu posso dizer que o primeiro ano eu fiz sem saber física...o segundo ano eu fiz ...sem saber física e o terceiro eu estou saindo /aprendi um pouquinho de física (Entrevistado C, p. 6 e 7, ls.299 a 301).

Estes problemas não são encontrados apenas nas áreas de exatas, mas também alguns entrevistados citam sentir dificuldades com leituras, como é o caso deste entrevistado:

sim é:... minha dificuldade... a maior sempre foi em português (Entrevistado B, p. 3, l. 149).

E logo abaixo destaca que estes problemas se devem a ausência de leituras que não são acessíveis ao deficiente visual:

é gramática:...redação... até porque o português ele requer muita LEitura... e o deficiente visual ele não... ele não trabalha... bastante a leitura e sim o auditivo... então no momento em que você ouve um texto... no momento que você ouve um conteúdo... você não ta analisando a gramática... você ta apenas assimilando é:... o conteúdo... então eu tenho essa dificuldade... por falta de leitura mesmo (Entrevistado B, p. 4, ls. 152 a 157).

O entrevistado coloca isso como uma forma de exclusão que sofre por não ter acesso a leituras:

teve... sempre...sempre teve essa preocupação da leitura... mais o que eu coloco é:: a seguinte forma... nós não temos a facilidade de tar lendo no nosso dia-a-dia... como uma pessoa dita normal... que passa numa determina rua... consegue ler um informativo... uma placa... alguma coisa... nós estamos:: excluídos é:: desse tipo de leitura... e isso acaba nos prejudicando (Entrevistado B, p. 4, ls. 162 a 166).

Muitas vezes essas dificuldades aparecem também pela ausência de aulas na escola, onde o aluno chega a ficar meses sem ter uma determinada disciplina por falta de professor o que faz com que o aluno fique prejudicado na disciplina.

ai ai já um pouco na biologia eu também já sinto assim um um pouco de dificuldade porque eu já vi biologia no ensino médio... e logo no início das aulas a gente tivemos biologia ai parou... ai passamos quase um mês sem ter aula de biologia (Entrevistado D, p. 5, ls. 255 a 258).

Essas são algumas das dificuldades encontradas por alunos em situação de deficiência nas disciplinas escolares, muitas vezes por falta de material adaptado, ou por falta de informação, esses alunos acabam sendo excluídos em sala de aula.

A oferta de oportunidades educacionais a todos os alunos, representa o grande anseio da sociedade brasileira. Muitas crianças, jovens e adultos não conseguem aceder à escola e, um número significativo de pessoas com deficiência enfrentam sérias dificuldades para serem escolarizadas e desenvolverem nas instituições escolares de nosso país um processo de aprendizagem inclusivo, compatível com suas necessidades educacionais especiais. (MELO e MEDEIROS, 2007, p. 2).

A escola hoje tem deixado a desejar com esta classe por não estar dando o suporte necessário, o que faz com que muitos desses alunos não terminem sequer o ensino médio.

### 3.3.7. Dificuldades encontradas com o professor da sala regular

Nesta categoria foram agrupadas as dificuldades que o aluno em situação de deficiência enfrenta com o professor da sala regular. Houve a necessidade de se dividir em sub-categorias a qual foram separadas nas seguintes temáticas: *desavenças entre o professor da sala regular e o aluno em situação de deficiência, a falta de adaptação da aula para o aluno, o professor que atua “facilitando as coisas” para com o aluno, a não interação entre professor-aluno, falta de capacitação para os professores e o aluno crê que necessita de atenção especial.*

Na primeira temática sobre as desavenças entre o professor da sala regular e o aluno em situação de deficiência, fez-se um recorte onde o aluno afirma algumas vezes ter tido um desentendimento com o professor:

... às vezes a gente uma... algumas... briguinhas porque eles...(Entrevistado A, p.2, ls. 74 e 75).

O entrevistado afirma ainda que este desentendimento se deve ao fato de o professor não querer “ter nenhum trabalho” com o aluno em situação de deficiência, ou seja, ministrando sua aula sem fazer uma devida adaptação para o aluno. O entrevistado afirma ainda que o professor em alguns momentos “fazia brincadeiras” a respeito da deficiência do aluno:

porque eles não querem é:: ter nenhuma / um trabalho com a... com deficiente visual... quer dar aula na sala de aula como se tivesse dando aula pra todas... todas as pessoas norm / todos os normais...como se não tivesse nenhum deficiente lá... e fala com a gente às vezes com... com tons diferentes com as / faz muitas brincadeiras assim... que chama atenção pro pessoal / pros outros ficar sorrindo da pess / ficar rindo do aluno com defi / com a deficiência... essas são as algumas dificuldades na sala (Entrevistado A, p. 2, ls. 78 a 85).

Atitudes como essa mostram que o preconceito está também dentro da sala de aula, onde o professor que deveria ser a ponte da relação entre aluno em situação de deficiência e sala de aula acaba por tomar atitudes contrárias ao seu verdadeiro papel.

Dessa maneira, as atitudes e o relacionar-se com a pessoa que possui alguma deficiência dependem, em grande parte, de aspectos subjetivos e intrínsecos de cada ser humano. Devemos ter clareza de que atitudes como rejeição,

discriminação ou quaisquer outras formas que levem a falsos estigmas e exclusão não podem ser tolerados (MIRANDA e SILVA, . p. 7).

Sobre a adaptação da aula, um aluno afirma que seu professor se recusa a adaptar a aula:

sempre... sempre nos temos... alguns que professores que:... que rejeitam ne... que não aceitam de forma alguma... é:: essa adaptação ele:... ele se nega a fazer isso... (Entrevistado B, p. 2, ls. 58 a 60).

Isso faz com que o aluno tenha dificuldades para acompanhar a aula. Como este aluno poderá revisar o conteúdo visto em sala de aula em sua casa ou saber as intersecções de um gráfico com concavidade voltada para cima sem nem ao menos ter tocado em um. Outro aluno cita que:

é...porque la na sala de aula é:: o é... o/as vezes...é... o professor não aumenta a letra pra mim eu tenho que:: chamar ele a atenção pra ele poder aumentar a letra pra mim... e ai ai ai ficava... com aquele...aquele clima ruim (Entrevistado D, p. 2, ls. 63 a 65).

Sobre isso, Ferreira afirma que:

No entanto, muitas são as ocasiões em que é preciso também a criatividade, pois nem sempre as demandas do estudante com NEE remetem a soluções já existentes; para propiciar a ele uma adequada experiência de ensino-aprendizagem-avaliação poderão ser necessárias providências especiais, às vezes inéditas, referentes aos recursos materiais, estratégicos e humanos, que sejam as mais propícias à sua condição (FERREIRA, 2007, p. 56).

Outro problema enfrentado é que às vezes o professor procura simplificar os assuntos ao invés de ensinar. Como afirma o aluno abaixo:

às vezes isso acontece... o professor acaba:: confundindo o tipo de ajuda que o deficiente visual precisa... ou que qualquer outro deficiente precisa dentro de sala de aula... é :: no meu ponto de vista eu sempre... eu sempre coloquei a realidade... a ajuda que eu necessito é de um material adaptado e não de facilitações dentro de sala de aula (Entrevistado B, p. 2, ls. 70 a 74).

Essas facilitações segundo o aluno ocorrem da seguinte maneira:

facilitar um:: uma atividade:... é ::... até atribuir notas sem o aluno merecer... já tem ocorrido... então infelizmente nós encontramos esse tipo de professores no sistema... que não se preocupa em capacitar o aluno (Entrevistado B, p. 2, ls. 82 a 84).

Esse professor acaba não fazendo com que o aluno desenvolva sua capacidade, habilidades, pois julga este aluno como “coitadinho”, incapaz fazendo com que representações sejam afirmadas acerca deste aluno.

Cabe ao docente buscar constantemente novos conhecimentos que lhes possibilitem estar em contato com novas estratégias referentes ao processo ensino-aprendizagem, para que eles possam refletir e (re)significar sua prática em sala de aula (MIRANDA e SILVA, p. 6).

Há também o problema da não interação entre o professor- aluno, o professor é classificado na fala como sem ação, sem iniciativa:

professor de física... sempre é ele o meu maior problema desde o ano passado na primeira etapa... am:: eu não sei o que...o que acontece/ o que se passa naquela cabeça dele...eu acho que todo professor se ele/am::se dedi... dedicar a dá aula pra um deficiente o professor procurar como ele tem que fazer é::como agir... ele consegue e o aluno /e o deficiente ele consegue aprender com o professor basta ele se interessar ele ter interesse( ) fazer com que ele realmente aprenda sua matéria (Entrevistado C, p. 3, ls. 131 a 137).

Este professor parece estar desorientado com relação ao modo de agir, de ensinar um aluno em situação de deficiência, fazendo com que o aluno creia que necessite de uma atenção especial:

com nós... praticamente ele num...num Age com...com a gente... ele age com os alunos videntes... os alunos que enxergam... ele age melhor com eles... com a gente ele finge que explica pra nós e nós fingimos que entendemos a matéria dele... que na verdade não/nós não entendemos a matéria dele... pra/mesmo/... ele tem que vir explicar na minha cadeira... tem que vir conversar comigo... me ensinar ponto a ponto...a mesma coisa ele pode fazer com um deficiente visual... perda total de visão... ele pode fazer com o que o aluno imagine... ele pode fazer as figuras em alto relevo ele tem como trabalhar...basta somente ele querer (Entrevistado C, p. 3, ls. 145 a 153).

Isso se deve muitas vezes a formação do professor, que não está preparado para receber o aluno em sala de aula:

aos professores nós percebemos que há uma falta de de informação... que:: eles não tem uma capacitação... acho que o governo ainda não têm essa preocupação de capacitar o professor... pra atender o deficiente... e sim o professor está fazendo isso por conta própria... por esforço... sem nenhum apoio (Entrevistado B, p. 1, ls 36 a 40).

Essa capacitação é fundamental para que o professor possa pelo menos ter uma noção de como trabalhar com este aluno:

A formação de professores no magistério superior, para áreas que não são pedagógicas, geralmente, não conta com disciplinas que preparem para o ensino em seus currículos. Por isso, os professores desconhecem as questões relacionadas às necessidades educativas especiais. (ROCHA E MIRANDA. 2007, p. 8).

Castro também afirma que para que haja uma educação inclusiva é necessário que o professor de sala de aula conheça a respeito das temáticas das necessidades educacionais destes alunos, e afirma também que é de extrema importância que este professor construa uma relação de diálogo entre o aluno e o docente para que se efetive de fato uma educação inclusiva (2008, p. 7).

### **3.3.8. Dificuldades encontradas no programa**

As seguintes análises mostram as dificuldades encontradas pelos alunos em situação de deficiência no programa desenvolvido pelo NEES da UFPA – o grupo de estudos para o vestibular. Este grupo, como já foi falado anteriormente, tinha 7 alunos deficientes visuais (cegos e baixa-visão) ano passado (2008), que se reuniam na universidade para estudar conteúdos relacionados ao vestibular.

Essas aulas eram adaptadas em braile para os alunos cegos e ampliadas para os alunos de baixa-visão. Sendo que no núcleo havia 3 máquinas braile para essa

confeção de material que eram feitas pelos bolsistas, e o material em relevo era confeccionado pelos próprios monitores que eram alunos de graduação da UFPA.

Nas falas analisadas dos alunos do grupo de estudos, foram encontrados trechos onde eles citam os *equipamentos de adaptação que se encontravam danificados*, a *falta de incentivo de alguns monitores* do grupo, *ausência de aulas* e *insegurança de alguns monitores*.

Nos trechos onde os alunos citam sobre os equipamentos, comentam sobre a falta de material para as aulas devido as máquinas brailes estarem quebradas:

... a universidade é iniciou-se com seus trabalhos de confecção... de confecção de material didático... no início agora a gente ta sentindo uma dificuldade porque os equipamentos teve alguns problemas... mas eu acho que:... a gente vai reverter o caso e vamos continuar e não vamos ter PREjuízos... vai ser por pouco tempo esse / é:: correr atrás do prejuízo... vamos resolver... mas eu to sentindo dificuldade por causa que não tem / é a questão... não TER material didático É ruim você chegar numa sala de aula e não ter um material didático... um material programado pra você estudar é terrível... ta essa é a dificuldade que a gente já ta / eu eu mesmo to sentindo... hoje mesmo:... eu passei apertado (Entrevistado A, p.4, ls. 164 a 176).

Já próximo ao vestibular as máquinas para adaptação do material em braile apresentaram defeitos tendo que ser levadas para o conserto, o que fez com que alguns alunos ficassem sem material para estudar.

Outro problema também encontrado durante o grupo de estudos foi a falta de incentivo por parte dos monitores das disciplinas de física, biologia e história. Logo depois o monitor de história e biologia tiveram que abandonar o grupo e os alunos ficaram algum tempo sem estas duas disciplinas, o que fez com que estes saíssem prejudicados, e quando os novos monitores assumiram tiveram que resumir alguns assuntos pois o conteúdo já estava atrasado. O entrevistado abaixo comenta sobre a insegurança desses monitores:

assim senti eu senti isso com o professor de biologia de física e professor de história... eu não sei o que aconteceu com eles mais.../eu senti isso a é:: ... é::assim que...talvez não acreditasse que a gente fosse conseguir... é::porque não passou logo... é::a sua a suas matéria pra outra pessoa...passar pra gente estudar e:: isso tudo tem mexido comigo/ mexeu muito comigo isso mais assim...tentei levar/tento levar normalmente e... a gente ficou prejudicado nessas três matérias biologia física e::biologia física e ...e hisTÓria né ...agora história nem tanto porque a gente ganhou o professor X né... ele tentando avançar o mais rápido possível pra que nós não fiquemos tão prejudicado (Entrevistado C, p. 5, ls. 209 a 223).

O entrevistado também critica as aulas de física, pois algumas vezes o monitor não compareceu as aulas e não avisou aos alunos sobre a ausência:

física deixou a desejar... né... não tem (Entrevistado C, p. 6, l. 276).

pela ausência do professor eu tenho mais do que reclamar do que a::a elogiar (Entrevistado C, p. 6, ls 279 a 280).

Mais a diante o entrevistado comenta que sentia insegurança na monitora de biologia:

eu não sentia segurança nela...na aula dela...eu gosto muito eu observo muito isso quando uma pessoa entra dentro de sala de aula pra dá aula então eu fico bastante... preocupada...bastante preocupada com isso e a professora Y eu não senti isso nela né ...ela deu uma aula ou foi duas...acho que chegou a dá duas foi muito...dentro de um ano duas aulas só (Entrevistado C, p. 9, ls. 399 a 404).

Talvez sendo esse o motivo pela qual a monitora resolveu sair do grupo, por não se sentir preparada pra ministrar aulas para o grupo.

Se os docentes não tem informação de como trabalhar com alunos com deficiência, eles têm que se preparar se informando, estudando, pesquisando para compreender melhor o universo da deficiência e, assim, planejar seu trabalho pedagógico considerando as necessidades específicas de seu aluno (MIRANDA e SILVA, p. 6).

Alguns problemas foram sanados como o concerto das máquinas braile e a substituição de alguns monitores, porém outros infelizmente continuaram por falta de compromisso de alguns.

### 3.3.9. Sentimentos com relação ao vestibular

Nesta categoria são encontrados sentimentos do aluno em situação de deficiência em relação ao vestibular. Nas falas de alguns nota-se que se *sentem preparados para o vestibular*, já em outras falas, o aluno *demonstra insegurança quanto ao processo seletivo*.

Nos recortes onde os alunos se sentem preparado, são encontrados sentimentos de segurança e motivação. Como é o caso do aluno abaixo que mostra claramente na sua fala:

e com vocês com certeza a gente vai fazer uma boa prova / vestibular... e vamos passar e vamos... ingreSSAR na UFPA... no cam / campus Marabá (Entrevistado A, p. 4, ls. 156 a 158).

E quando perguntado a ele se ele crê na aprovação, este mostra-se bastante animado:

com certeza... com todas as forças... tenho forças... tenho Ânimo pra isso (Entrevistado A, p. 9, l. 445).

O aluno encerra a fala mostrando total segurança e motivação quanto ao processo seletivo da UFPA e já pensa futuramente em fazer outros cursos. Afirma ainda que o vestibular é só mais uma etapa, uma mudança de fase:

eu acho que... EU ACHO NÃO... EU SINTO / me sinto preparado sim... -- como eu falei inda agora pouco-- é::... o vestibular pra mim vai ser como se eu tivesse terminando meu segundo ano... e fosse passando pro terceiro... fosse iniciar o terceiro ano... eu acho que é uma / só uma mudança de fase... de ETAPAS de estudos... que é uma eta/ uma uma fase que não acho / pra mim mesmo eu nunca vou parar de estudar... vou fazer ciências sociais... terminar... vou passar pra outro curso e vou fazendo... enquanto eu



tiver...enquanto eu puder estudar eu vou estudar (Entrevistado A, p. 9, ls. 435 a 442).

Outro entrevistado que também demonstra esta segurança é o entrevistado D, que afirma estar preparado:

sim... acredito que sim (Entrevistado D, p. 6, L. 314).

E que esta segurança se deve ao fato de ter estudado tanto no grupo de estudos, quanto na escola e em casa.

oh é... que eu posso dizer assim... é o que é a gente estuda aqui no grupo de estudos e o que a gente estuda la no... la no NAEJA... da assim é:... assim é... a... assim... o que estuda no grupo de estudo e la no NAEJA e... é... e estuda mais em casa... acho que sim... eu me sinto preparado (Entrevistado D, p. 6, ls. 308 a 311).

Porém, na fala de outro entrevistado, percebe-se que não há este mesmo sentimento de confiança ao fazer a seguinte afirmação:

preparada... preparada...preparada assim...NÃO...mais preparada pra ENCARAR to...é mais fácil (Entrevistado C, p. 9, ls. 443 a 444).

E logo depois alega que se não for aprovado não irá desistir, continuará no grupo de estudos e tentará fazer o vestibular novamente :

eu acho que sim...eu creio que sim... mais se num passar... não deu...valeu a tentativa...e::eu to preparada pra tudo...pra tudo... se certo...se der certo... se eu conseguir passar... aí já é uma outra preocupação... mais se eu não passar... tenho outros / continuo com outros planos... aqui dentro já ouvi outras propostas( ) se a gente não passar... vamos continuar estudando mais nada que (Entrevistado C, p. 9, ls 449 a 454).

Infelizmente o entrevistado acima não conseguiu ser aprovado e logo depois acabou desistindo do grupo de estudos e dos planos de ingressar em uma universidade.

Há uma necessidade de se constatar o por que de tais inseguranças sofridas por alguns alunos do grupo. Se para um aluno dito normal este processo já se torna difícil, para um aluno em situação de deficiência se torna mais difícil ainda, pois estes além das dificuldades enfrentadas em um vestibular, como a pressão da família, o nervosismo, a ansiedade; possuem também as suas dificuldades específicas e as deficiências do meio social que muitas vezes acaba trazendo certas limitações. É necessário que se faça um trabalho a cerca desta problemática para tentar trazer estes alunos de volta, para que continuem tentando um futuro ingresso em uma IES.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da temática proposta no início desta pesquisa acerca das dificuldades encontradas pelos alunos com deficiência visual no preparo para o vestibular, esta monografia buscou verificar a partir de dados históricos, as primeiras discussões a respeito da educação especial no âmbito internacional e nacional; passando pela segregação, integração e chegando até a inclusão.

Realizou-se mais a frente a busca de algumas políticas educacionais inclusivas, revendo algumas conferências realizadas sobre educação inclusiva, como a de Salamanca, a de Jomtien, e a de Dakar que foram importantes para atentar sobre a necessidade de uma reestruturação no ensino do Brasil para que este promova-se oportunidades de ensino a pessoa em situação de deficiência.

Discutiu-se o conceito de Vigotski (1989) acerca da menos-valia e a terminologia “pessoa em situação de deficiência”. Mencionou-se a respeito Conferência Mundial sobre Educação Superior em Paris no século XXI que determina a igualdade de acesso a este nível de ensino. Algumas leituras atuais foram citadas com o intuito de discutir a respeito da deficiência e inclusão no ensino superior. Procurou-se mostrar também a necessidade de refletir a respeito do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Educação da UFPA/PA/Marabá, e o grupo de estudos do Pré-vestibular para deficientes visuais, assim como um breve comentário a respeito da Análise de Conteúdo.

Por último e mais importante, mostrou-se a partir de entrevistas feitas com alunos deficientes visuais, algumas das dificuldades vivenciadas por eles no que diz respeito aos problemas encontradas durante o ensino médio no preparo para o vestibular, sobre a convivência no espaço da universidade, sobre a área a qual optarão, sobre o apoio da família assim como dos professores, dificuldades com certas disciplinas estudadas e com os professores da sala regular e durante o grupo de estudos. Revelou-se ainda alguns dos sentimentos destes alunos a respeito do processo seletivo e quanto a um futuro ingresso em uma universidade.

Uma vez aplicada as entrevistas para a realização das análises, obteve-se resultados que permite ao pesquisador apresentar o seguinte conjunto de conclusões:

Nas análises *dificuldades encontradas durante o ensino médio no preparo para o vestibular*, os alunos comentaram sobre a falta de preparo dos professores para lidar com um aluno em situação de deficiência. Muitas vezes esses professores não sabem com agir na presença destes alunos e assim acabam desenvolvendo práticas indevidas onde o aluno em situação de deficiência é que tem que se adequar a forma do professor

em ministrar sua aula. Isso acontece devido muitas vezes a uma formação inadequada, que não preparou este professor para receber estes alunos em sala de aula.

Foi constatado também que nas falas apareceram sobre a qualidade de ensino desenvolvido na escola pública, onde nesta, professores tem se preocupado em apenas “dar o conteúdo” de qualquer maneira, não se preocupando com conteúdos do vestibular por exemplo, que são de grande importância para que os alunos possam ingressar em uma instituição de ensino superior. Esse ingresso em uma universidade se torna um esforço dobrado para um aluno em situação de deficiência, já que além de ter recebido um ensino ineficaz, este veio carregado de dificuldades, pois não foi devidamente, elaborado, planejado, adaptado para o aluno; isso devido muitas vezes à falta de material adaptado ou até pelo próprio afastamento do professor por não saber como agir com este aluno.

Na *convivência e o uso do espaço universitário pelos alunos do ensino médio*, conclui-se que na universidade onde estes alunos frequentam existe muito a ser feito, principalmente no que se refere a uma estrutura adequada para receber estes alunos, como na biblioteca, pois como um aluno cego poderá usá-la se ele não tem acesso a livros em braile? Ou como poderá usar um laboratório de informática se não existem programas específicos para facilitar este uso?

Alguns destes espaços também não foram utilizados por falta de iniciativa tanto do grupo de estudos quanto dos próprios alunos que frequentam, sendo que a acessibilidade não se constitui neste caso como uma barreira para que eles não possam usufruir destes espaços, pois o próprio núcleo onde estes alunos frequentam possuem barreiras físicas, porém, não deixa de ser usado por eles. Há que se atentar para uma melhor exploração de espaço dentro do campus.

Em *dificuldades sobre a definição da área a qual os alunos prestarão vestibular*, os alunos entrevistados sentiram dificuldades na escolha do curso a ser feito, e acabaram por fazer escolhas precipitadas, por ser talvez o mais fácil, ter um maior número de vagas ou uma baixa concorrência. Não sabendo eles se quer procurar conhecer sobre a área escolhida, seja por falta de informações, um trabalho desenvolvido (como feira do vestibular, orientações de profissionais da área) pela escola ou pela universidade para sanar dúvidas frequentes acerca de cada curso.

Quanto ao *incentivo da família*, ficou claro que este incentivo tem se resumido a “ir buscar o filho na escola”, de “cobrança” ou apenas em um “apoio moral”, não procurando a família, fazer um acompanhamento da vida escolar de seu filho, verificar

se este aluno está sendo incluído ou apenas está como um “enfeite” em sala de aula para mostrar que ali há inclusão. Este papel da família tem sido representado de forma superficial devido a falta de participação dos pais.

Em relação ao *incentivo do professor da sala regular*, verificou-se que ainda existe em alguns professores uma certa preocupação com o aluno em situação de deficiência. Este incentivo aparece como um professor que cobra o aluno, apóia, aconselha, dá atenção, porém, existe alguns que ainda fazem a rotulação de que este aluno é detentor de menas capacidade do que um aluno dito normal, este professor acaba por desmotivar o aluno, focando-se na deficiência do corpo e não na capacidade de desenvolvimento deste aluno.

Nas *dificuldades encontradas com relação as áreas do conhecimento*, a falta de acesso a informação foi um dos grandes problemas encontrados pelos alunos em situação de deficiência. Os alunos encontram dificuldades em certas disciplinas, porque muitas vezes não recebem um material adaptado, ou o professor se nega a fazer modificações em sua aula e assim prejudicando o aprendizado dos alunos. Por isso se torna difícil estudar um determinado assunto por não existir: material adaptado, texto em braile, fonte ampliada ou texto no formato de áudio. Resultando na falta de suporte necessário para atender estes alunos, e assim criando barreiras difíceis de serem superadas, para que eles possam estudar.

Encontrou-se também *dificuldades com o professor da sala regular*, existentes porque muitas vezes o professor se nega a adaptar sua aula para atender a este aluno, gerando assim desavenças na relação professor-aluno. O aluno passa a se sentir excluído da sala de aula, porque o professor não quer ter nenhum “trabalho” com ele, e quando ele tenta ajudar, acaba simplificando o assunto para o aluno, dando a este, um conhecimento reduzido por achar que ele não é capaz de acompanhar, isso faz com que o aluno não desenvolva seu conhecimento e se acomode a apenas receber conteúdos simplificados. Muitos desses professores se encontram desorientados, não agem, não interagem, por medo, falta de preparação, fazendo com que o aluno acredite que necessite de uma atenção especial.

Algumas dificuldades foram encontradas também no *programa* desenvolvido pelo NEES da UFPA/PA/Marabá, por falta de monitores, pela desistência de alguns, insegurança de outros, falta de incentivo e também a falta de material adaptado devido as máquinas estarem danificadas. Houve a necessidade de um compromisso maior de alguns que muitas vezes faltavam em suas disciplinas. Outro acabaram desistindo por

falta de tempo, outros por insegurança, de não saber ministrar aulas no grupo. Há que se atentar que estes monitores assim como os professores da sala regular, também necessitam de uma certa preparação para lidarem com estes alunos. Cursos de capacitação, trocas de experiência na área poderiam ser promovidos pelo próprio NEES para tentar amenizar a este problema, dando assim mais segurança aos monitores para ministrarem suas aulas.

*Alguns sentimento com relação ao vestibular* foram encontrados nas falas. Sentimentos estes de insegurança quanto ao vestibular, seja por medo ou pelas dificuldades que estes alunos encontram devido a certas limitações. Alguns acabaram por cair em uma desmotivação e abandonaram o grupo de estudos. Há que se fazer aí um trabalho não somente de ensinar conteúdos mas também um trabalho que traga motivações, ânimo, que trabalhe com o psicológico deste alunos para tentar fazer com que estes não venham a desistir de tentar um futuro ingresso em uma instituição de ensino superior.

A superação destas dificuldades descritas acima devem ser caracterizada por propostas de atividades com estratégias que visem superá-las. Para que se possa haver realmente uma efetivação da inclusão destes alunos deficientes visuais no ensino superior, é necessário que se tenha clareza sobre algumas situações, como a concepção da pessoa em situação de deficiência, seus sentimentos, expectativas, uma reflexão das ações desenvolvidas em classe. É um trabalho que vai se constituindo ao longo do tempo, não se constrói e finaliza em um período fixo de duração pois requer continuidade para que o aluno com deficiência visual se sinta como um sujeito ativo na escola, apto a participar e interagir na sala na busca de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Hildete P. dos; ANDRADE, Emmanuele P. de; PEREIRA, Mirian R. A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso. **Revista Brasileira de Educação** / ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), v. 14, n. 40 (jan./Abr.). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009. p. 116-129.
- ANJOS, Hildete Pereira dos; CHAGAS, Patrícia S. das; SANTOS, Loureana S. S.; SILVA, Greicy Kelly M. da. Deficiência e Acesso ao Ensino Superior: uma experiência de aprendizagem. In: 2008
- BALEOTTI, Luciana Ramos; DEL-MASSO, M. C. S. Diversidade, diferença e deficiência no contexto educacional. In: OLIVEIRA, Anna Augusta S. de; OMOTE, Sadao; GIROTO, Claudia Regina Mosca (orgs.). **Inclusão escolar: As contribuições da educação especial**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, Marília: Fundepe Editora, 2008.
- CASTRO, Sabrina Fernandes de Castro. Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino superior: UFSM, UFPR e UFSCAR. In: **Congresso Brasileiro de Educação Especial**, 3., 2008, São Carlos. Anais 2008.
- CHAHINI, Thelma Helena C. Alunos com deficiência visual X Barreiras para o acesso e permanência nas instituições de educação superior de São Luís do Maranhão. In: **Congresso Brasileiro de Educação Especial**, 3., 2008, São Carlos. Anais 2008.
- UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos**. 1990. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em 05 mai. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. 1994. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em 05 mai. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Declaração Educação para todos: linha de ação de Dakar**. 2000. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br> . Acesso em 05 mai. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação**. 1998. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br> . Acesso em 05 mai. 2009.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007 (Coleção Primeiros Passos).

FERREIRA, Solange Leme. Ingresso, Permanência e Competência: Uma realidade possível para Universitários com necessidades educacionais especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, Jan. – Abri. 2007, V. 13, n.1, p. 43-60.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2ª Ed. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil**: história e políticas públicas. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de; MEDEIROS, Rildeci. 2007. Inclusão de alunos com deficiência na Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Situando algumas ações realizadas. In: **Encontro de Pesquisa em Educação do Norte e Nordeste**, 18, 2007, Maceió. Anais eletrônicos, Maceió, UFAL, 2007. 1 CD-ROM.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação / ANPED** (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). v. 11, n. 33 (set./dez.). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006. p. 387-405.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo; SILVA, Lazara Cristina da Silva. Inclusão de Pessoas com Deficiência no contexto Universitário. In: **Encontro de Pesquisa em Educação do Norte e Nordeste**, 18, 2007, Maceió. Anais eletrônicos, Maceió, UFAL, 2007. 1 CD-ROM.

NASCIMENTO, Elaine de Souza. A Inclusão do Aluno com Deficiência Visual no Ensino Superior. In: **Congresso Brasileiro de Educação Especial**, 3., 2008, São Carlos. Anais 2008.

PRETI, Dino (org). **Análise de textos orais**. 3ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH USP, 1997

UFPA, Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia/Campus de Marabá, 2008 (em reformulação).

ROCHA, Telma Brito; MIRANDA, Theresinha Guimarães. 2007. Tecnologias Assistivas e Inclusão do Aluno com Deficiência na Instituição de Ensino Superior. In: **Encontro de Pesquisa em Educação do Norte e Nordeste**, 18, 2007, Maceió. Anais eletrônicos, Maceió, UFAL, 2007. 1 CD-ROM.

RODRIGUES, Graciela Fagundes. A Inclusão e suas relações no cotidiano escolar. In: **Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade** / Universidade Federal da Bahia, Departamento de Educação I. v.16, n. 27(jan./jun.). Salvador: UNEB, 2007. p. 97-104.

SANTOS, Antonio Carlos Nogueira. A Inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior em Sergipe. In: **Congresso Brasileiro de Educação Especial**, 3., 2008, São Carlos. Anais 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectología**. Obras completas, tomo V. Ciudad de la Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.



**ANEXOS**

## QUESTIONÁRIO

1. Nome, deficiência que possui:
2. Qual foi o curso escolhido por você na UFPA? Por que a escolha desse curso?
3. Muitas vezes o ingresso a uma instituição superior não é fácil para um aluno que não possui uma deficiência, e se torna mais difícil ainda para um aluno que tem uma deficiência. Você tem sentido essa dificuldade? de que maneira? Que dificuldades você tem encontrado?
4. Há um apoio familiar para a realização do curso superior? Como é esse apoio?
5. E na escola, você encontra dificuldades no relacionamento com o seu professor? Que tipo de dificuldades?
6. Você sente que o seu professor da sala regular o apóia, o incentiva a fazer o vestibular? De que maneira? Ou ele apóia, mas sem muita convicção?
7. Há uma proteção por parte do seu professor com você por causa de sua deficiência?
8. Referente ao grupo de estudos, que aprendizagens essa experiência tem proporcionado a você?
9. Quanto aos seus monitores do grupo de estudos, você sente que eles o apóiam a fazer o vestibular?
10. Como está sendo a adaptação de material de conteúdos?
11. Você sente liberdade em questionar, propor mudanças ao seu monitor?
12. Que dificuldades você encontra em:  
Matemática – Português – Física – Química – Literatura – Redação – Espanhol – Inglês – Biologia – História – Geografia
13. Que problemas de acesso você encontra na universidade? Que espaço da universidade você costuma usar?
14. E você acredita em sua capacidade para ingressar em um curso superior?

Entrevista A, 17/10/2008, Duração 23:37

- Alu: bom meu nome é [...]:: estou terminando o terceiro ano na escola [...]...  
é:: sou deficiente visual... tenho vinte e cinco anos
- Ent: é:: e [...] qual foi o o curso escolhido por você na UFPA?
- Alu: o curso que:: eu escolhi na UFPA... foi ciências sociais
- Ent: ciências sociais e::  
[
- Alu: por identificar / por me identificar na na área... sociedade... com o povo  
social... bem social... eu preferi fazer ciência social /SOCIAIS  
[
- Ent: é o que você queria mesmo?
- Alu: isso
- Ent: e na::/ você fez também o da UEPA sim?
- Alu: a UEPA eu fiz inscrição::... e::/ ciências naturais na UEPA
- Ent: você também se identificou com o curso ou falta de opção? Como que  
foi?  
[
- Alu: FALTA DE OPÇÕES
- Ent: um... ta e [...]... assim você sabe ne que esse ingresso em uma instituição  
superior... é difícil até pra gente ne que não tem::... uma deficiência ne  
num num  
[
- Alu: pra  
[
- Ent: possui uma deficiência... imagine pra uma pessoa que tenha ne uma  
deficiência
- Alu: pra pessoa que tenha a deficiência visual ou qualquer/ mais a mais  
afetada... mais... a mais difícil é pra defi/ é pra o deficiente visual... é se  
ingressar na facul / no vestibular e entrar / adentrar nos nos estudos... é  
difícilmente... é raro um deficiente visual fazer todos é terminar todos  
todos os estudos... a maioria é dos deficientes visuais... eles é::... param  
de estudar no ensino fundamental nem completam o ensino  
fundamental... ai param... porque não dão contam por causa das  
dificuldades
- Ent: sim e eu ia te perguntar ne você / se você tem sentidos essa dificuldade  
nesse processo... do ensino médio pro vestibular... se você tem sentido  
essas dificuldades e de que maneira?
- Alu: dificuldades::... as dificuldades são... por / muitas por causa do:: material  
de apoio pedagógico... material: didático na sala de aula... as dificuldades  
são essas... se não fosse... se tivesse todos os materiais a gen/ eu tinha  
certeza que não tinha nenhuma dificuldade... ia ser um::... passo só mais  
um passo como se fosse uma... uma mudança de de ano de uma série pra  
outra
- Ent: assim:: você poderia citar algum exemplo... assim mesmo dentro da sala  
de aula assim... nessa questão de materiais ne que você disse que há...
- Alu: material didático... a questão é o material didático pra os alunos os os  
ditos normais... é::... o:: é:: o material deles é entregue é:: antecipado ou  
às vezes no dia mesmo certo... e o nosso só chega depois depois de duas  
semanas que vai chegar o material impresso em braile... e ai a gente fica  
perdido... até na prova as vezes... cai a questão na prova a gente nem

- estudou porque o material não chegou ainda pra prova / que tinha que estudar pra prova
- Ent: sim  
[
- Alu: tem essas dificuldades
- Ent: é:: e a tua família [...]... ela:: ela te apóia a fazer o curso superior?
- Alu: a minha família::... A MINHA MÃE que ME AJUDA... ela faz a:: me da algumas ajudas mas...  
[
- Ent: como? como é esse apóio?
- Alu: transfe / é me levar até ao ponto de ônibus tal... mas pra ela / eu vejo assim muita falta assim da minha mãe... que ela não vai na escola saber como é que ta indo as minhas notas... como é que eu to... como é que ta SENDo lá na escola... é uma mãe que / EU HOJE / ne nem SÓ a minha... todas as mães / os alunos hoje::... ditos normais também... as famílias... poucas famílias que vai saber como é que está o aluno na escola... como é que ta sendo... a sua:: vida na escola
- Ent: mas assim... o que eu quero dizer é se ela TE INCENTIVA mesmo a fazer “não vá lá e faça o”...
- Alu: é INCENTIVA... só que eu acho que falta o falta... falta muito ainda... falta... sempre tem faltas
- Ent: sim... e:: e na escola... na sua escola... você encontra dificuldades no relacionamento com os seus professores?
- Alu: não com os professores a gente têm um relacionamento ótimo... às vezes a gente uma... algumas... briguinhas porque eles...  
[
- Ent: que tipo assim?
- Alu: porque eles não querem é:: ter nenhuma / um trabalho com a... com deficiente visual... quer dar aula na sala de aula como se tivesse dando aula pra todas... todas as pessoas norm / todos os normais...como se não tivesse nenhum deficiente lá... e fala com a gente às vezes com... com tons diferentes com as / faz muitas brincadeiras assim... que chama atenção pro pessoal / pros outros ficar sorrindo da pess / ficar rindo do aluno com defi / com a deficiência... essas são as algumas dificuldades na sala
- Ent: e assim... você sente que esses seus professores eles te apóiam... te incentivam ali A FAZER um curso superior... a prestar o vestibular... ou eles apóiam ali muitas vezes... mas sem convicção... sem acreditar em vocês?
- Alu: incentivam sim... só / alguns incentivam... e outros já vê / pensam... falam que:: as vezes até falam pra gente “olha a aqui que os normais já não dão contam não dão / não conseguem passar / fazer um vestibular... imagine vocês que tem dificuldades” ai pelo um pelo um la/ PELO UM LADO a gente vê mesmo / eu mesmo vejo que... / é porque... as pessoas que recebem material didático é:: regularmente... tem dificuldades no vestibular... imagina o deficiente visual que tem a dificuldade pra... pra tar lendo... fazendo a leitura do conteúdo... inda recebe atrasado... eu acho que tem umas dificuldades sim... mas... não é por isso que a gente vai... deixar de... de:: fazer o vestibular... tentar fazer
- Ent: sim... mas e aqueles que te apóiam... assim... de que maneira eles te apóiam

- Alu: é::  
[
- Ent: a fazer o vestibular?
- Alu: maneiras é:: fazendo o materi / adaptando o material... tem alguns professo -- que nem eu falei... anterior -- tem alguns professores que não quer saber de adaptar o material pra o deficiente visual... e já tem uns que já se se dedicam a.../ QUER QUE o aluno aprenda... evo / o aluno va pra frente mesmo... não fique só naquilo... faz que aprendeu e não aprendeu... então tem professor que QUER mesmo que o aluno aprenda o conteúdo... faz o... adaptação... a professora de química por exemplo... a [...]. faz a as adaptações em relevo... a de inglês faz em relevo também o material... com a cola... e:: quer / porque ela quer que o aluno aprenda mesmo o conteúdo que ela ta passando na escola
- Ent: sim...e assim... você sente... uma::... uma certa proteção de alguns professores... de alguns dos seus professores... com você assim... pela sua deficiência?
- Alu: NÃ::o:: acho que eles tratam a gente como:: aluno normal... eu vejo isso
- Ent: na hora das provas... assim... de exercícios não uma... não há aquela proteção... você nunca notou assim?  
[
- Alu: acho assim... porque aquela questão... quando vai fazer uma atividade avaliativa eles pedem pra fazer com outro aluno... ou a gente pede... mesmo também a gente / eu vejo também aquela questão... eles não sabem ler o braile... e ai ia dificultar também a minha vida... eu ia escrever em braile o trabalho ou a prova... depois eu ia ter que ta fazendo a leitura da prova todinha pra ele pra ele ta faze / transcrevendo... então já pra... pra.... DIminuir o trabalho e não ter.../ que... que no caso que o tempo é muito pouco as aulas... uma aula é quarenta minutos... quarenta e cinco minutos... então a gente pede pra gente fazer com outro aluno... o aluno escreve ne... escreve a atividade... e a gente vai ajudar a responder
- Ent: sim... ta e:: referente ao grupo de estudos aqui da UFPA...é assim... que experiências esse grupo ele tem te proporcionado?
- Alu: é uma experiência de como é::... a pessoa::... adentra / vai adentrar num na:: na:: universidade e::... e fazer o vestibular... fazer uma boa prova... e ter uma boa: nota uma boa... avaliação... eu acho que é muito / é fundamental a:: a:: a UFPA ter feito isso... que:: foi uma porta pra o deficiente visual... adentrar na universidade... antecipadamente ne
- Ent: ta agora sobre os seus monitores... daqui do grupo de estudos... você sente que eles te apóiam ali a fazer o vestibular::... ou que alguns:: assim... num...não dão muito incentivo... que não acreditam que vocês possam... futuramente ingressar na universidade?
- Alu: não é porque eu estou falando pra vocês mas vocês passam assim uma energia super... boa mesmo pra nós... pra mim  
[
- Ent: todos os monitores?
- Alu: pra mim principalmente... todos os monitores  
[
- Ent: você não sentiu assim... de nenhum... assim alguma  
[
- Alu: não não... eles querem que a gente evolua... vá pra frente mesmo... e PASSE mesmo no vestibular e:: e bola pra frente... não::.../ eu acho que

- são ótimas as pessoas... GRAÇAS a Deus encontramos... uma equipe MUITO ÓTIMA... professora [...] tem uma equipe que é:... bola mesmo... é equipe... SUPER dez... graças a Deus agente encontrou vocês aqui... e com vocês com certeza a agente vai fazer uma boa prova / vestibular... e vamos passar e vamos... ingreSSAR na UFPA... no cam / campus Marabá
- Ent: ta... então... é:... agora me... diz como é que tem sido essa adaptação de material... pra vocês... aqui... como está sendo essa adaptação de material?
- Alu: na na universidade?
- Ent: é
- Alu: a universidade é aquela quês.../ é o mesmo que eu tava ci/ a quer dizer -- eu tava citando agora a pouco-- a questão da sala nor... norma / sala regular na escola... a universidade é iniciou-se com seus trabalhos de confecção... de confecção de material didático... no início agora a gente ta sentindo uma dificuldade porque os equipamentos teve alguns problemas... mas eu acho que:... a gente vai reverter o caso e vamos continuar e não vamos ter PREjuízos... vai ser por pouco tempo esse / é::: correr atrás do prejuízo... vamos resolver... mas eu to sentindo dificuldade por causa que não tem / é a questão... não TER material didático É ruim você chegar numa sala de aula e não ter um material didático... um material programado pra você estudar é terrível... ta essa é a dificuldade que a gente já ta / eu eu mesmo to sentindo... hoje mesmo::... eu passei apertado
- Ent: é:: e assim... você sente liberdade em questionar o...o / em propor mudanças ao seu monitor?
- Alu: sim
- Ent: já aconteceu algum caso assim... que você teve que:: tentar “não profe/ não não é por aí...” assim...já houve algum caso assim no grupo de extensão?
- [
- Alu: é:: eu / comigo mesmo...comigo mesmo não... com um aluno.. com um amigo meu... o [...] uma vez... o [...] uma vez eu e o [...]...esta / a gente estava numa sala e:: ai teve uma monitora que::... queria que o [...] fizesse uma atividade sendo que o [...] é um defi/ é uma pessoa que tem uma deficiência visual igual eu... só que:: além de ele ter uma deficiência visual... ele tem um problema cognitivo... uma dificuldade no aprendizado então ela pensou / ela queria que ele evoluÍSSE e eu falei / ai eu tive que chamar ela e falar pra ela “olha o [...] não:: / você não pode levar o [...] igual você leva eu... leva a [...]... porque ele tem dificuldades na aprendizagem... então você não pode apertar muito o [...] porque o [...] não vai dar conta do apre...do... do... do conteúdo que você pediu” eu tive sim que fazer uma vez
- Ent: sim... também só foi nesse caso assim..não foi
- [
- Alu: só foi nesse caso... ai depo... / nunca mais
- [
- Ent: e:::
- [
- Alu: ocorreu

- Ent: e em uma aula assim...a / o método do professor... a didática dele...ja houve também assim...questionamentos “não...você tem que mudar um pouco a didática da sua aula” nunca houve não?
- Alu: NÃ::o... eu num..não fiz nenhuma...nenhuma reclamação contra isso
- Ent: ta...agora:: é::: que dificuldades [...] / eu vou te perguntar aqui... as dificuldades que você encontra em algumas disciplinas... matemática?
- Alu: matemática...química e física são... são as três matérias difícil...DIFÍCil MESmo para o deficiente visual...muito difícil por causa dos gráficos e números...envolvendo números... colu::nas... e:: demais...
- Ent: então é:: é:: é:: é mais relacionada a que essa dificuldade? na adaptação de material... específico em matemática?
- [
- Alu: material::...e pra você / mesmo o material am/...mesmo o material sendo produzido...pra você acompanhar todos os relevos... por exemplo... matemática... matriz... ter que acompanhar todas...todas as colunas... linhas... e os números dentro é terrível... química também é uma::... é muito difícil pra o deficiente visual... estudar... mesmo com algumas adaptações...é difícil
- Ent: ta agora como é que / eu te pergunto assim é::... como é que tem sido a matemática aqui no grupo de estudos... você... notou assim que... que você teve uma melhora:: ou ta sendo que nem a da sua esco / é... não sei também como é que È a da sua escola ne... a matemática de lá... fale um pouco de... da daqui... e da:: do grupo de extensão aqui e da sua escola
- Alu: tem duas diferenças... aqui você tem uma professo / um profess / um monitor... especialmente pra você... são poucos alunos... se tem no máximo dez alunos... você tem um... um atendimento muito mais amplo do que na sala que tem cinqüenta... sessenta alunos... então... aqui... eu consigo pegar o conteúdo MUIto mais rápido do que na sala... na sala normal... na sala com todos os alunos... porque lá uma professora pra... pra cinqüenta...sessenta alunos... ela não vai poder / ela não tem como ela ir na minha cadeira e falar “olha [...] é assim...” e me ensinar passo a passo... e aqui na universidade eu tenho... a:: eu tenho uma afinidade... e:: a professora vai explicar... passo a passo e... to pegando o assunto / às / eu aprendo mais aqui de que na sala de / na sala normal
- Ent: e:: lá também eles têm essa preocupação com o material assim...de matemática... de auto relevo...
- [
- Alu: NÃO
- Ent: em física e química também?
- [
- Alu: a escola...a escola não / até porque hoje os professores do estado eles não...não tem curso pra / de capacitação... pra trabalhar com o deficiente visual... o estado só fala assim “ olha sua sala é aquela lá...a sala cinco tem trinta alunos” o professor quando adentra na sala... quando:: chega na sala... vai ver os três... quatro... cinco deficientes visual com a mesma deficiência... e ele vai ter que dar aula pra aqueles deficientes... ele não pode recusar os... as pessoas que tenha deficiência... e ai aquela questão... quem tem a visão vai aprender e quem é deficiente visual vai... vai / eles vão / se tiver.. se tiver:: / o aluno for dedicado mesmo vai aprender... agora se não for vai ficar ali toda vida sentado na sua cadeira... e não vai aprender nada

- Ent: sim... e física e química... as dificuldades que você encontra aqui e também na sua escola?
- Alu: aqui eu não posso falar porque eu não tive aula de... de física... de química... encontramos uma... uma ótima monitora que faz adaptações... a gente aprende / aqui ...eu to aprendendo química aqui... na uni / na escola mesmo a gente aprende / num da pra aprender igual aqui
- Ent: e em física porque você não teve aula aqui ainda?
- Alu: o professor às vezes / o monitor que ia ministrar a aula pra gente faltou e a gente não teve... não tivemos aula de... de física
- [
- Ent: você não teve ainda nenhum contato ainda então... nenhuma... não teve nenhuma aula?
- [
- Alu: não.. inclusive a gente vai... estamos até preocupados agora no vestibular como é que vamos é:: fazer uma prova se a gente não viu nenhum assunto de física... um assunto programático da prova ne... só na escola... e o da escola a gente não consegue aprender o conteúdo até porque o professor é uma...é pessoa que da aula... acho que ele da aula desde::... quinze anos... então é uma pessoa que nunca evoluiu... hoje o professor / o professor hoje tem que evoluir:... igual com... igual com alunos... o alunos / a juventude hoje é diferente então ele vai ter que mudar o:: conteú... o meo... o meo... o MODO dele trabalhar em sala de aula... não pode ser aquele professor durão igual de antigamente... a gente não aprende com o professor de física
- Ent: e:: português [...]? como tem sido as aulas de português e que dificuldades você tem encontrado... tanto aqui como na sua sala mesmo?
- Alu: não... quanto... quanto português, história e demais matéria decorativas... eu não tenho muita dificuldades... eu mesmo não tenho dificuldade... a minha amiga [...] os demais amigos não tem dificuldade... a única dificuldade pro o deficiente visual é matemática... química e física... ele pode dizer “ah que eu sei daquilo, eu sei daquilo” mas nunca que sabe o material com / o assunto completo porque deixa a desejar mesmo
- [
- Ent: então português... literatura... redação me fale um pouco assim... como tem sido essas aulas
- Alu: na universidade ótimo... na escola nos só temos português... e português na escola... temos uma professora até que é razoável... passa o assunto a gente consegue pegar sim
- Ent: ta... aqui no grupo de extensão aqui na UFPA... essas monitoras ne... a de português... de literatura e redação... elas tem tido essa preocupação com:: com material... tem passado bem o conteúdo... como é que tem sido?
- [
- Alu: tem passado antecipiAdamente... a gente tem lido em casa... quando chega na... quando chega... na universidade já ta mais fácil o assunto... a gente já viu o assunto então é só revisar o assunto e:: bola pra frente
- Ent: e quanto as línguas estrangeiras [...]... espanhol e inglês... que dificuldades você tem encontrado e... aqui... na sua escola...
- [
- Alu: na escola...
- [



- Ent: qual a língua... a língua que você optou... é a:: a::: língua estrangeira que você optou no seu vestibular qual foi?
- Alu: espanhol
- Ent: espanhol?
- Alu: por ser uma::... uma:::... uma linguagem mais fácil pra o / pra gente conseguir é::: fazer a::: fazer digamos a::: passar para o português... que o inglês... eu tenho muita dificuldade no inglês sim... porque / é uma linguagem diferente pra nós... troca... tem vários significados é é muito... muito difícil... agora a gente...a gente preferiu o espanhol...nós todos / todos os deficientes visual preferiram o espanhol
- Ent: vocês tem as duas aulas aqui ne no grupo de estudos ne inglês e espanhol então das duas você preferiu optar pelo espanhol
- Alu: sinceramente espanhol é um matéria mais fácil
- [
- Ent: ah:: pela compreensão ne semelhante ao português..
- [
- Alu: umrrum isso
- Ent: sim e biologia?
- Alu: biologia é também é --eu falei-- as três matéria matemática química e física são difíceis e lembrando biologia também que biologia tem vários símbolos que deixa a desejar ne a gente pega mesmo só o decorativo os gráficos não consegui / a gente não consegue identificar e saber tudo mais o decorativo agente aprende
- Ent: há essa preocupação aqui no grupo de extensão e também na escola de vocês da questão da adaptação de material de biologia como por exemplo uma célula como é que você vai saber as partes de uma célula ne você teria que tocar no caso
- [
- Alu: isso feito adaptações em relevo e ia ter que tocar e ta identificando o nome e cada partícula da célula
- Ent: aqui... aqui há essa preocupação aqui no grupo de extensão?
- Alu: há preocupação só que a professora a pessoa que tava trabalhando com a gente falou que tava fazendo esse material só que a gente nunca recebeu professora de biologia ne
- Ent: isso e na escola o professor só passa material ele num ele até mudou o modo de trabalhar porque ele não ta passando esse mater esse assunto ta passando só material escrito mesmo num tem os gráficos não
- Ent: e história e geografia [...]?
- Alu: são matérias fáceis
- Ent: você não tem dificuldades realmente não encontra nenhuma dificuldade nem aqui no grupo de extensão nem na escola
- [
- Alu: não... nem na escola
- Ent: sociologia e filosofia que são... ai... daqui
- Alu: é uma das duas disciplinas que o ciências sociais vai ter as duas disciplinas eu não gosto até porque eu não gosto de filosofia nem de sociologia
- [
- Ent: mas você encontra mesmo assim na nessas disciplinas
- [
- Alu: não porque

- Ent: [ ou por não gostar mesmo?
- Alu: [ mas eu não sou muito não gosto muito não
- Ent: sim e as professoras ela tem passado bem o conteúdo elas tem uma didática boa?
- Alu: tem tem passado o conteúdo sabe passar o conteúdo pro aluno e o aluno com certeza pega bem o conteúdo
- Ent: tanto aqui como na sua escola?
- Alu: tanto aqui como na escola
- Ent: e aqui [...] na universidade você vindo pra cá você tem vindo pra cá muitas vezes você frequenta aqui a universidade ne tem vindo aqui
- Alu: eu tenho frequentado bastante a universidade já aprendendo os locais porque com certeza eu vou fazer vestibular aqui então eu vou estudar aqui no próximo ano então eu tenho que conhecer o espaço pra quando eu começar a estudar eu não fuçar perdido no espaço porque é até amplo o espaço é bem amplo pro deficiente visual é fundamental ele andar no local conhecer o local pra ele fami fami
- Ent: [ e quais são esses lugares que você costuma frequentar aqui na universidade?
- Alu: na universidade no núcleo de educação especial e as salas que a gente vai estudar o ano que vem
- Ent: você já usou a biblioteca daqui nunca foi na biblioteca no laboratório de informática
- Alu: [ não não eu tive no laboratório de informática é sem nenhuma não tem nenhuma acessibilidade acho que não sei se é porque ainda não olharam ainda pra esse lado eu achei dificuldade por isso não pude usar nenhum computador porque não tinha uma nenhuma nenhuma caixinha de som não tinha aparelho nenhum que desse suporte a um deficiente visual
- Ent: [ então...
- Alu: [ eu acho que a universidade já deve se preocupar com esse com esse tipo de acessibilidade
- Ent: então os locais que você geralmente frequenta aqui é só o Núcleo de Educação Especial as salas de aula a lanchonete também?
- Alu: [ as salas de aula... é
- Ent: [ e o laboratório você foi uma vez ne
- Alu: so fui uma vez
- Ent: é e assim você já até respondeu ai a minha pergunta antecipou eu ia te perguntar ne que dificuldades que problema de acesso você tem encontrado aqui?
- Alu: é o campus num tem por incrível que pareça também foi feito a obra foi feito uma construção e não tem um / tem uma acessibilidade mas é um acessibilidade terrível ne ((o telefone dele tocou))
- Ent: pode atender
- Alu: ((fala ao telefone))

- Ent: sim continuando [...] você então... das dificuldades que você tem encontrado
- Alu: a questão da acessibilidade --como eu falei anterior – é a universidade não tem não sei como é que uma pessoa por exemplo um cadeirante vai estudar num campus desse que não tem uma acessibilidade adequada
- [
- Ent: as rampas aqui são adequadas?
- [
- Alu: as rampas são muito elevadas muito altas e não tem mesmo pode se dizer que não tem acessibilidade ao deficiente acho que a universidade não está preparada ainda o espaço físico pra atender um deficiente visual e
- [
- Ent: os banheiros você tem usado os banheiros aqui são adaptados como é que é?
- Alu: não eu não usei os banheiros eu não tenho eu não posso falar nada dos locais que eu não andei não tem como eu falar
- Ent: [...] agora e você você se sente preparado pro vestibular?
- Alu: eu acho que eu acho não me sinto preparado sim como eu falei agora pouco o vestibular vai ser como se eu tivesse terminando meu segundo ano e tivesse passando pro terceiro fosse iniciar o terceiro ano eu acho que é só uma mudança de fases de etapas de estudos que é uma uma fase que eu não acho pra mim mesmo eu nunca vou parar de estudar vou fazer ciências sociais terminar passar pra outro curso e vou fazendo enquanto eu tiver puder estudar eu vou estudar
- Ent: então você acredita que você pode que você irá ingressar sim num curso superior?
- Alu: com certeza com todas as forças tenho forças tenho ânimo pra isso
- Ent: você acredita em você ?
- Alu: arram e em Deus primeiramente em Deus
- Ent: [...] então obrigada pela sua entrevista viu
- Alu: ok
- Ent: e eu finalizo aqui

Entrevista B, Dia 17/10/2008, Duração 17:30

- Alu: sou [...]... portador da deficiência visual... baixa visão... conclui meu ensino médio no ano de noventa e sete
- Ent 1: e [...]... qual foi o:: curso escolhido pra / por você aqui na UFPA?
- Alu: eu estou dividido entre:: sistema de informação e matemática
- Ent 1: ainda não:... não escolheu o curso ainda?
- Alun: ainda não
- Ent1: você vai tentar estadual também ?
- Alun: não a:: federal só
- Ent1: só federal?
- Alun: é
- Ent1: e por que a escolha/ é por que esses dois cursos?
- Alun: são duas áreas que:: me identifico bastante... e:: em especial sistema de informação por facilitar a vida do deficiente... é::... na sua carreira... profissional e::... acadêmica
- Ent1: mais tem uma dessas duas assim que você tem mais afiniDA::de?
- Alun: sistema de informação
- Ent1: sistema de informação?
- Alu: isso
- Ent 2: é muitas vezes o ingresso a in / a uma instituição superior... ela é muito difícil para um aluno que não possui nenhuma deficiência... e para o aluno que possui se torna mais difícil... é você sente essa dificuldade?
- Alun: bastante... pra o aluno deficiente não só ingressar na: na faculdade mais também concluir o ensino médio o:: o trabalho é dobrado... na maioria das vezes triplicado por falta de:: livros adaptado... por falta de conteúdo... se torna MUito mais difícil
- Ent1: então você tem sentido essa dificuldade assim ...
- Alun: tenho sim
- [
- Ent1: na questão mais da adap / da adaptação de material mesmo só?
- Alun: é falta / a falta de material adaptado a falta de livros... é nas bibliotecas públicas e::
- [
- Ent1: e quanto aos professores mesmo ?
- Alun: aos professores nós percebemos que há uma falta de de informação... que:: eles não tem uma capacitação... acho que o governo ainda não têm essa preocupação de capacitar o professor... pra atender o deficiente... e sim o professor está fazendo isso por conta própria... por esforço... sem nenhum apoio
- Ent 2: é::... você tem o apoio da sua família é:: em relação é::... ao estudo do curso superior?
- Alun: eu tenho...
- [
- Ent2: como é
- Alun: eu tenho um incentivo né em casa por... por meus pais não terem um... um grau de escolaridade elevado... então eu tenho apenas um incentivo deles
- Ent2: é qual o tipo de incentivo assim... que eles... que eles te oferecem
- Alun: ta dando o apoio:: é::... eu diria um apoio moral... pra eu ta correndo atrás do meu objetivo

- Ent1: e na escola [...]... na escola você tem encontrado dificuldades... no relacionamento com seus professores?
- Alun: sempre... sempre nos temos...a maioria
- [
- Ent1: não... porque você terminou né... desculpa... você encontrou...você encontrou assim... muita dificuldade?
- Alun: sempre... sempre nos temos... alguns que professores que::... que rejeitam ne... que não aceitam de forma alguma... é:: essa adaptação ele::... ele se nega a fazer isso... mais por um outro lado nos encontramos vários... vários professores que::... já tem essa... essa... essa vontade que já faz até mais do que o que deveria ser feito pra ajudar o aluno... em relação a adaptação de material a... a trabalhar em grupo... a trabalhar com a leitura dentro da sala de aula... então a maioria dos professores já se preocupam com isso
- Ent1: e assim durante:: o seu tempo lá de aluno... quando você estudava... você sentia assim que os professores... eles tinham::... uma proteção ali... uma proteção maior com você pela a sua deficiência? você sentiu isso de alguns professores?
- Alun: as vezes isso acontece... o professor acaba:: confundindo o tipo de ajuda que o deficiente visual precisa... ou que qualquer outro deficiente precisa dentro de sala de aula... é :: no meu ponto de vista eu sempre... eu sempre coloquei a realidade... a ajuda que eu necessito é de um material adaptado e não de facilitações dentro de sala de aula
- Ent: mais
- [
- Alun: mais infelizmente aparecem professores com essa
- [
- Ent1: você já recebeu este tipo de proteção assim?
- Alun: com essa idéia
- Ent1: que prote / cita um exemplo assim
- Alun: facilitar um:: uma atividade::... é ::... até atribuir notas sem o aluno merecer... já tem ocorrido... então infelizmente nós encontramos esse tipo de professores no sistema... que não se preocupa em capacitar o aluno e esses seus professores... eles te incentivavam a fazer um curso superior?
- Alun: a maioria deles
- Ent1: sempre incentivaram? a maioria sim
- [
- Alun: sempre incentivaram
- Ent1: de que forma?
- Alun: cobrando um pouco mais que::... uma atenção maior... no que eu estava fazendo... porque:: numa prova de vestibular ele ia precisar... e sempre:: dando dicas de vestibular... de questões que poderiam cair... então:: sempre há essa / sempre houve essa... essa preocupação
- Ent2: referente ao grupo de estudos aqui da UFPA... que aprendizagens essa experiência tem proporcionado a você?
- Alun: bastante... uma oportunidade muito grande que eu to tendo de revisar os conteúdos que vi no ensino médio... com:: ... com uma atenção maior que dentro da sala de aula né... até porque grupo é menor... então DÁ pra trabalhar... é::... bastante... dá para acompanhar mais próxima esse aluno... então aqui nós temos um acompanhamento... bem direcionado

- Ent1: então há essa diferença da sala de aula mesmo... aqui pro grupo?
- Alun: pro grupo... porque aqui nós temos um atendimento bem... direcionado
- Ent1: mas direcionado a vocês mesmo
- Alun: isso
- Ent1: sim... e quanto a seus monitores [...]... eles a /você sente esse incentivo deles / os monitores aqui do do grupo de extensão... eles te APÒIAM... te incentivam a a fazer o vestibULAR... ou você sente assim... que alguns tão ali... tão... tão ali::... no grupo com vocês né... tão dando aula mais num::... no popular né... não bota muita.. muita fé ali em vocês... não acreditam... você tem sentido algum
- [
- Alun: eu tenho... eu tenho sentido sim esse apoio... tenho sentido esse:: incentivo... é... através de...de todos os... as colegas que estão conosco
- Ent1: você sente esse incentivo de todos então ?
- Alun: sim... bastante
- Ent1: e como é que ta sendo adaptação de material aqui... na UFPA?
- Alun: adaptação de material... é:: eu posso... eu posso analisar o esforço né... que o grupo tem feito pra::...pra adaptar esse material... pra... principalmente em braile... ampliado::... eu vejo um esforço muito grande do grupo
- Ent1: então você não tem ... não tem... é::... não tem deixado a desejar essa adaptação em algumas... em algumas disciplinas ?
- Alun: é o que...que tem ficado a desejar é::... simplesmente pela falta de...de equipamento... que dá problemas e etc... mas por falta de interesse mesmo não vejo... isso
- Ent2: e assim... você sente liberdade em questionar... propor mudanças ao seu monitor?
- Alun: sim
- Ent1: quanto a:: didática dele / já houve caso em que você teve que propor uma mudança?
- Alun: já... já houve::
- Ent1: pode citar exemplos assim como foi ?
- Alun: por exemplo em algumas aulas... quando nós tamos trabalhando / as vezes ta trabalhando diretamente:: o cego... a gente::/ se tem mais de um monitor a gente pode dividir... trabalhar o trabalhar com baixa visão no quadro enquanto uma pessoa ta acompanhando uma pessoa que é totalmente cega pra o...pra o aproveitamento do tempo
- Ent1: sim... mas não houve uma situação em que você teve que chegar no seu monitor e falar “não... não é assim... é::... você tem que é:: / você ta pecando nisso” aqui no grupo de estudo?
- Alun: não... não
- Ent1: não houve nenhum:: problema a respeito?
- [
- Alun: não tivemos
- Ent1: e:: Sóstenes é... você ... VOCÊ ENCONTRA dificuldades assim... em certas disciplinas?
- Alun: sim é::... minha dificuldade... a maior sempre foi em português
- Ent1: português? eu ia te perguntar aqui também... português assim... que dificuldades são essas que você tem encontrado?
- Alun: é gramática::...redação... até porque o português ele requer muita LEitura... e o deficiente visual ele não... ele não trabalha... bastante a

- leitura e sim o auditivo... então no momento em que você ouve um texto... no momento que você ouve um conteúdo... você não ta analisando a gramática... você ta apenas assimilando é::... o conteúdo... então eu tenho essa dificuldade... por falta de leitura mesmo
- Ent1: como foi assim o seu português... essa disciplina assim no seu ensino médio ?
- Alun: foi:: razoável
- Ent1: a professora tinha essa preocupação?
- Alun: teve... sempre...sempre teve essa preocupação da leitura... mais o que eu coloco é:: a seguinte forma... nós não temos a facilidade de tar lendo no nosso dia-a-dia... como uma pessoa dita normal... que passa numa determina rua... consegue ler um informativo... uma placa... alguma coisa... nós estamos:: excluídos é:: desse tipo de leitura... e isso acaba nos prejudicando
- Ent1: o... o seu ensino médio você concluiu aqui em Marabá... ou foi em outro::
- Alun: conclui em Marabá... eu:...conclui meu ensino fundamental no estado do Amapá... foi lá que::... que eu conheci que realmente a educação especial funciona... foi lá que eu fui ver
- [
- Ent1: lá você notou essa diferença ?
- [
- Alun: isso... foi lá que fui ver que um cego TEM a capacidade de...de ler sim... que o braile é uma escrita::... que dá uma...uma total independência pra o cego... aqui em Marabá eu não tinha essa segurança... então eu conclui meu ensino fundamental... retornei pra Marabá... e conclui meu ensino médio aqui
- Ent1: você sentiu um impacto assim... é:: do ensino de lá... e do ensino daqui de Marabá?
- Alun: bastante
- [
- Ent1: comparando assim... você notou diferença?
- Alun: bastante... um impacto muito grande
- Ent1: que diferença?
- Alun: o ensino...o ensino::... da educação especial em Macapá ta mais avançado... o acompanhamento é melhor... mais em Marabá nós já estamos lutando pra melhorar esse acompanhamento também... JÁ TEM melhorado bastante
- Ent1: e nas outras disciplinas Sóstenes... é de química... física... as exatas... química... física e matemática... você sente dificuldade nessas disciplinas?
- Alun: são:::...são... são as matérias que eu mais gosto... não sei se é pelo fato de eu me identificar bastante se torna mais fácil... mais essas disciplinas não tenho... dificuldade
- Ent1: e quanto a adaptação de material acessível pra você... assim tem?
- Alun: adaptação de material pro baixa visão ela é mais simples... porque é só ampliada
- [
- Ent1: ampliação
- Alun: então se torna mais...mais fácil
- Ent1: e no grupo de estudos... assim os professores tem se preocupado com essa questão... os monitores ?

- Alun: tem sim.. tenho recebido esse material  
Ent: e:: redação e ...redação e literatura...você sente dificuldade nessas...nessas disciplinas também... você sente dificuldade em português né... e redação e literatura também é ?
- Alun: redação é minha... minha maior dificuldade... literatura já:... eu creio...eu creio que tenho:... já tenho uma facilidade... se torna mais fácil do que a redação
- Ent1: redação e literatura aqui no...no grupo de estudos... você / elas tem atendido assim as suas necessidades?
- Alun: tem::  
[
- Ent1: nas disciplinas aqui... os monitores TEM conseguido passar a você?
- Alun: tem proporcionado uma / um avanço muito grande... em redação... a partir do momento que... eu passei a frequentar essas aulas
- Ent1: você notou que você teve um avanço?
- Alun: tive um avanço muito grande... em redação
- Ent1: e língua estrangeira... você optou por...por que língua estrangeira no vestibular?
- Alun: língua estrangeira... espanhol
- Ent1: espanhol? você sente dificuldade em espanhol?
- Alun: um pouco
- Ent1: na::  
[
- Alun: creio que:... eu creio que comum  
[
- Ent1: no seu ensino médio aqui... você já tinha visto espanhol?
- Alun: não... eu vi::  
[
- Ent1: você veio estudar aqui no grupo de estudo?
- Alun: eu vi francês em Macapá... inglês aqui em Marabá... e espanhol aqui no grupo
- Ent1: não tinha tido contado ainda... mais você não tem sentido dificuldade não?
- Alun: não tenho tido dificuldade... apesar de ser um:... primeiro contato... não sinto grandes dificuldades
- Ent1: e biologia?
- Alun: biologia:... eu não cheguei acompanhar a aula de biologia aqui
- Ent1: você não teve nenhuma aula ainda aqui no grupo de estudo biologia?
- Alun: eu creio que devido ao trabalho... essas aulas de biológicas devem ter acontecidos no / nas datas em que eu to de trabalho
- Ent1: e história e geografia... você tem tido essas aulas?
- Alun: tive  
[
- Ent1: aqui no...no grupo de extensão... tem tido dificuldade?
- Alun: história e geografia são matérias também ótimas... que eu gosto de trabalhar então... se torna fácil
- Ent1: e sociologia e:: e filosofia... você já:: tinha tido no... no seu ensino...ensino médio?
- Alun: sim filosofia e sociologia
- Ent1: tem alguma dificuldade nessas disciplinas?
- Alun: não ...não tenho



- Ent1: aqui no grupo de estudo você também tem conseguido acompanhar?  
 Alun: no grupo de estudo eu também eu não cheguei...não cheguei ter essas aulas
- Ent1: não chegou também né? você ta...você trabalha né?  
 Alun: isso devido meu trabalho... os meus dias aqui são pouco no grupo  
 Ent2: ai assim... que problema de acesso você tem encontrado aqui na universidade?
- Alun: poderia repetir por favor?  
 Ent2: que problema de acesso você encontra aqui na universidade? alguma dificuldade em relação  
 [
- Ent1: na acessibilidade aqui na universidade... você vê que existem?  
 Alun: acessibilidade pra mim que sou baixa visão não encontro nenhum:: obstáculo... pelo o contrário... é bem... é bem localizado ne... qualquer coletivo que você pegar... em qualquer ponto da cidade... passa na universidade... então eu acho acessível
- Ent1: que lugares assim... você costuma freqüentar aqui na universidade?  
 Alun: na universidade... o NEES... o laboratório de informática... já tive acesso  
 Ent1: você já freqüentou o laboratório... você notou nenhuma... alguma barreira arquitetônica... alguma coisa que acaba bloqueando a sua acessibilidade lá?
- Alun: bom... pro baixa visão não  
 Ent1: não né  
 Alu: ai continuando tem o:: o auditório  
 [
- Ent: também já foi no auditório  
 [
- Alu: algumas salas que nós... nós estamos tendo aula ne  
 Ent: você já esteve na biblioteca da universidade?  
 Aln: já estive na biblioteca  
 Ent: esses são os lugares que você geralmente freqüenta?  
 Alu: isso  
 Ent: e:: [...]... quanto a você... assim...você se sente preparado pra...pra fazer o vestibular?
- Alun: não  
 Ent1: ou você ainda se sente ainda incapacitado... acha que precisa::... estudar MAIS::
- Alun: ainda...ainda creio que tenho que estudar mais um pouco  
 Ent1: mais você acredita em você... que você possa vir a ingressar numa... instituição superior?
- Alun : ACREDITO... e assim como acreditei no meu ensino médio... hoje eu conclui... e também acredito que em breve eu estarei dentro da universidade
- Ent1: por que você não tem sentido preparado ainda?  
 Alun: é::... a rede pública de ensino hoje ela não capacita o aluno... pra o vestibular então da...da essa preocupação de sempre querer estudar mais um pouco pra poder tentar o vestibular... essa é a realidade né... da nossa rede de ensino pública
- Ent1: bom [...]... brigada...obrigada pela sua entrevista a gente finaliza aqui

Entrevista C, 28/10/2008, Duração: 26:39

Alu: meu nome é [...]...tenho vinte e nove anos... estudo na escola [...]... sou deficiente visual... baixa visão... a::: minha deficiência é... conforme eu for atingindo a idade... eu vou perdendo até ter total

Ent: você ta::: em que ano [...]?

Alu: estou na terc / no terceiro ano... segunda etapa

Ent: e e e::: qual foi o curso escolhido por você aqui na UFPA?

Alu: ciências sociais

Ent: ciências sociais?

Alu: ciências sociais

Ent: e na UEPA?

Alu: engenharia ambiental

Ent: e por que é a... a escolha desse curso ... ciências sociais?

Alu: ciências sociais am:: não foi nem tanto pela minha escolha mas foi que as pessoas me disseram com que ia/...com que me identifico... então não custa nada tentar... essa área então ...eu vou entrar nela ...de cabeça ... engenharia ambiental na UEPA por falta de:::... am:: por falta de...de...de ...de outros cursos mais interessantes então... o que me veio mais assim...a mente mais:::... mais...como é que eu posso te dizer...mais fácil eu não sei se é mais fácil... mais pra tentar entrar...engenharia ambiental... vamos ver o que vai dá

Ent: mais você se identifica com algum dos cursos ?

Alun: na UEPA não...nenhum... não tem um que me:::/ eu goste

Ent: e com ciências sociais.... você andou dando uma lida assim na::

[

Alun: Já... já andei dando uma sondada ja e:: realmente:: se encaixa:: mais comigo do que: o da UEPA engenharia ambiental

Ent: Iara sobre este ingresso numa instituição superior... você sabe que:: ...este acesso ele já é um pouco difícil pra uma pessoa que não possui uma deficiência...

[

Alun: concerteza

Ent: e pra uma pessoa que possui alguma deficiência se torna mais difícil ainda né... na questão do acesso da ... da adaptação da prova...do /e assim você tem sentido essas dificuldades na hora do... estudo mermo do acesso a informação... do conteÚdo.... você tem sentido e quais são essas dificuldades que você tem sentido?

Alun: em relação ao ensino médio ou já da da universidade?

[

Ent: é nesse preparo...nesse preparo do vestibular... que você esta fazendo

Alun: am:::

[

Ent: do ensino médio e pro vestibular

Alun: dificulDA::de do...do ensino médio na escola... eu tenho... mas já aqui eu já não tenho... eu não sei se é eu porque os professores já estão treinados pra isso... mais me preocupo se chegar a entrar...se eu chegar a entrar na:: universidade é:::... como vai ser...como eles vão me receber... se irá:: haver preconceito... se os professores vão me receber bem... isso tudo já preocupa... acho que qualquer deficiente como ele vai... / como vão:: receBER /como ele vão:: nos receber... então a gente sofre um pouquinho... com isso... já no ensino médio na escola [...]... eu já tenho

essa dificuldade... então já é por isso que a gente já se preocupa... quando a gente vai:: / faz::... é uma prova de vestibular... e se passar... a gente já tá sofrendo porque no ensino médio na escola eu já sofro... imagine num...numa...numa universidade que as aulas são MAIS... os:: textos... o conteúdo... TUDO É MAIS... então::... a gente se preocupa com tudo isso

Ent: a sua escola... eles tem tido a preocupação de tá trabalhando o com os conteúdos de vestibular?

Alun: TEM...tem... alguns:: .../ NÃO... todos os professores... posso dizer que todos os professores já estão treinando os alunos pra entrarem... pra fazer a prova do vestibular

Ent: sim ai você disse que lá você sente algumas dificuldades... por exemplo o que? você pode citar alguma?

Alun: as... as dificuldades do deficiente visUAL... ela é mais:: em química... física e matemática... porque são matérias que o deficiente visual ele não está:: visualizando... tirando do quadro... então ele precisa dum professor de pertinho pra ensinar... pra passar a matéria em braile... pro baixa visão é professor ampliar... e explicar ponto por ponto

Ent: mais na adaptação mesmo de material?

Alun: na adaptação de material... am:: eu num...eu num sei nem se dizer assi /é: os professores eles passam... am:: é as matérias né pra...pra o CAP... e o CAP tem responsabilidade de devolver essa matéria em braile pra o aluno

Ent: então sempre há:: / então vocês tem:: esse material né

Alun: nós temos... nós estamos tendo esse material... AGORA no momento nós não estamos tendo porque a:: impressora está com um problema então:: praticamente

[

Ent: impressora braile?

Alun: impressora braile tá com problema... então a gente/ ai a gente começar a ter problema... e ai::... o deficiente visual ele vai ter que começar a ser vira::r enquanto arruma né impressora... mais a gente não sabe quando isso vai ser feito... então o deficiente visual já tem que começar a correr e preparar o material

Ent: agora...e quanto a questão::... de conteúdo mesmo do vestibular da...da...de informação é::.../ da questão informacional mesmo... do que estuDAR::...é como que estudar... como estudar né... você não tem sentido essas dificuldades

Alu: de como estudar pra fazer o vestibular

[

Ent: da questão do acesso mesmo à informação dos conteúdos do vestibular

[

Alun: dos assuntos... dos assuntos do vestibular

Ent: isso

Alun: eu já até tive medo... antes... porque:: COMO eu não poderia fazer um cursinho...porque na escola é:: dito ne... pra alunos normais... am:: é:: o conteúdo é bem mais fraco... dizem que no cursinho é bem mais...peSAdo... bem mais puxado

[

Ent: é uma preparação( ) só pro vestibuLAR mesmo?

- Alun: isso...só pra o vestibular...então eu tive essa preocupação... antes é porque... como eu vou entrar fazendo um cursinho se tudo é corrido...já tinham me falado olha no cursinho tudo é mais corrido... o professor não vai ter tempo pra ti...então isso me preocupou... mais graças a Deus...é deu tudo certo os professores/a professora [...] entrou com tudo ai é:: adotando os deficientes visuais e deu certo agora a gente não tem mais com que se preocupar...não temos que se preocupar com conteúdo de vestibular
- Ent: então você não essa... pretensão de fazer aí um::.../pegar uma revisão em algum cursinho...assim antes da prova?
- Alun: um:::não há...não há essa necessidade
- [
- Ent: não há necessidade?
- Alun: não há necessidade e vai haver mui/ mais preocupação se... eu saísse daqui pra ir fazer fora
- Ent: e...e quanto a sua família [...] ela tem te apoiado/ela te apóia a fazer um curso superior?
- Alun: muito...muito...muito mesmo
- Ent: e como que é esse apoio?
- Alun: esse apoio é:: me traZENdo pra escola me levan/é esperando me levando de volta( ) fazendo sempre o que é possível pra que eu esteja estudando sempre atualizada pra fazer a prova do vestibular
- Ent: a sua mãe ou seu pai em nenhum momento eles discordaram?
- Alun: não... de jeito nenhum... em nenhum momento sequer em nenhum momento
- Ent: e na escola... você tem sentido dificuldade no relacionamento com seus professores?
- Alun: tive no início...mais agora ta tudo bem
- Ent: quais foram esses professores?
- Alun: professor de física... sempre é ele o meu maior problema desde o ano passado na primeira etapa... am:: eu não sei o que...o que acontece/ o que se passa naquela cabeça dele...eu acho que todo professor se ele/am::se dedi... dedicar a dá aula pra um deficiente o professor procurar como ele tem que fazer é::como agir... ele consegue e o aluno /e o deficiente ele consegue aprender com o professor basta ele se interessar ele ter interesse( ) fazer com que ele realmente aprenda sua matéria
- Ent: você não tem notado essa dedicação do professor de física?
- Alun: não...não tenho notado...não tenho notado a única coisa que eu vejo ele fazer é pasSAR o conteúdo pro CAP o CAP imprIMIR e mandar de volta pra gente mais se eu não tiver a explicação do conteúdo que ele passa é complicado eu aprender é muito complicado aprender
- Ent: como que essa aula dele( ) a metodologia dele o método que ele utiliza dentro da sala de aula com vocês?
- Alun: com nós... praticamente ele num...num Age com...com a gente ele age com os alunos videntes os alunos que enxergam... ele age melhor com eles... com a gente ele finge que explica pra nós e nós fingimos que entendemos a matéria dele... que na verdade não/nós não entendemos a matéria dele pra mesmo ele tem que vir explicar na minha cadeira tem que vir conversar comigo me ensinar ponto a ponto...a mesma coisa ele pode fazer com um deficiente visual perda total de visão... ele pode fazer

- com o que o aluno imagine ele pode fazer as figuras em alto relevo ele tem como trabalhar...basta somente ele querer
- Ent: e::os seus professores da sala regular você sente que eles te apóiam  
[
- Alun: demais
- Ent: a fazer o vestibular?
- Alun: demais... quem me dera se os meus professores... da sala de recurso fosse os meus professores da sala aonde eu frequento...a/ todos os dias a minha regular...
- Ent: como é esse apoio deles?
- Alun: am::fazendo com que eu aprenda/ com que eu entenda a matéria...é explicando uma duas três vezes fazendo figuras... é em alto relevo fazendo com que eu imagine...esses são o apoio dele melhor do que isso é impossível
- Ent: em nenhum momento você... não sentiu de algum ali.../não sentiu apoio assim sentiu que talvez ele não acredite que você  
[
- Alun: não...não
- Ent: que você ( )
- Alun: não...não...não( )
- Ent: e assim há proteção ou já houve alguma proteção...por parte de algum professor(fala)
- Alun: não
- Ent: uma essa...essa proteção por você ter deficiência visual...então assim... ele digamos que manear um pouco com você...fazer um tratamento ali diferenciado... dos outros alunos... dito normais  
[
- Alun: ele
- Ent: ou videntes
- Alun: ele...ele se/dizem que o professor de...de sala regular ele não pode ter aquela atenção toTAL comigo( ) dificilmente/acho que pouca...pouca atenção comigo porque/ por causa dos outros alunos...então se ele vier dá um pouquinho vai demorar muito mais então...ele já fala né olha procura a tua sala de recurso pra te ajudar melhor que eu não posso te ajudar como como você deve ser ajudada... então ele já pede pra procurar a sala de recurso
- Ent: e em referente ao grupo de estudo aqui... que aprendizagem você tem adquirido com com o pessoal aqui  
[
- Alun: hum::
- Ent: ( ) da questão mesmo da daqui do/da aprendizagem que você tem adquirido aqui quanto aprendizagem mesmo com a convivência com as pessoas aqui com os monitores?
- Alun: muito boa am::tanto que eu aprendi aqui e na sala de recurso... eu posso dizer o que eu sei...o que eu aprendi foi aqui na universidade no NEES com a professora do NEES e na sala de recurso
- Ent: quanto a re/é:: você aprendiz de conteúdo... mesmo?
- Alun: de conteúdo... tudo de aprendizagem tudo...tudo...tudo
- Ent: você... então... considera que tem aprendido mais aqui e na sala de recurso do que na escola

- Alun: na própria escola na própria sala regular porque lá tem só o que é maior/pela dedicação dos professores que... é maior assim...tudo em relação a tudo...tudo é maior...é perfeito
- Ent: e assim você sente apoio dos monitores aqui?
- Alun: sim com certeza
- Ent: pra realizar o vestibular
- [
- Alun: com certeza/ não... assim senti eu senti isso com o professor de biologia de física e professor de história... eu não sei o que aconteceu com eles mais.../eu senti isso a é::
- Ent: sentiu o que?
- Alun: é::assim que...talvez ao acreditasse que a gente fosse conseguir... é::porque não passou logo... é::a sua a suas matéria pra outra pessoa...passar pra gente estudar e:: isso tudo tem mexido comigo/ mexeu muito comigo isso mais assim...tentei levar/tento levar normalmente e... a gente ficou prejudicado nessas três matérias biologia física e::biologia física e
- [
- Ent: biologia
- Alun: e hisTÓria né ...agora história nem tanto porque a gente ganhou o professor [...] ne... ele tentando avançar o mais rápido possível pra que nós não fiquemos tão prejudicado( )pra que a gente tente resolver alguma coisa em história pra num:: ganhar zero em história...então nesse ponto o professor [...] tem /ele tem suprido né as necessidades em história... o professor de física ta tenTANdo né agora já no final aí... ta um pouco complicado de de aprender a gente vai tentar também... eu espero que acorde ao menos um pouquinho pra a gente resolver alguma coisa na primeira etapa...da prova e a professora de biologia eu não sei quem é a nova professora mais...a gente também ficou bem( ) prejudicado
- Ent: vocês não tive/ você não teve com a nova não ?
- Alun: não
- Ent: mais já teve aula dela... da nova professora de biologia?
- Alun: não ...que eu tenha vindo... não
- Ent: não...e quanto a questão da adaptação de material [...]
- [
- Alun: perfeita
- Ent: aqui no grupo de estudo
- Alun: perfeita...perfeita preocuPAção entregar antes do dia a preocupação em estudar junto... conosco a::os conteúdos é passando é:: os professores aprenderam a ler o braile porque...eu acho se o professor não souber o braile ele não pode te ajudar tanto...então assim foi/é:: muito boa é::a... o material tudo...perfeita é tudo muito bom ...é daí que a gente ver que...é se o professor quiser que tudo depende só do professor porque se ele quiser ele pode ir muito mais além do que a gente do que o próprio aluno deficiente visual imagina sua imaginação em criar o conteúdo em criar as matérias
- Ent: e::e assim você sente liberdade em questionar seus monitores aqui do grupo... fazer/ propor mudanças assim nas aulas mesmo deles
- [
- Alun: ( )

- Ent: se você a/ você em algum momento achou que ele tava assim... dando aula de uma forma...de uma forma errada não tava... se preocupando muito com:: com a deficiência de vocês dava dando aula aí como se dá pra um aluno de uma sala regular mesmo...um aluno vidente?
- Alun: não...o professor ele sempre... sempre deixou isso bem claro né é::cada professor que vinha dá aula perguntava...gente ta faltando alguma é::falem se não tiver bom me digam o que ta faltando então isso aí também /eu não tenho nada do que falar
- Ent: todos os monitores eles tem essa preocupação ?
- Alun: todos eles tem essa preocupação
- Ent: você não sentiu em nenhum momento assim
- [
- Alun: não
- Ent: a necessidade de questionar de propor uma mudança nenhuma?
- Alun: não...não...não
- Ent: no momento não aconteceu?
- Alun: não
- Ent: e assim...você encontra né dificuldade em certas disciplinas né...(risos)...mais eu vou te perguntar algumas aqui...e você fala a necessidade que você sente em cada uma...por exemplo nas nas exatas...matemática física e química?
- Alun: matemática...matemática eu não tive né então tem a professora [...]...perfeita professora...muito boa mesmo...a gente tem aprendido muito com ela... física deixou a desejar... né... não tem
- [
- Ent: pela ausência do professor
- Alun: pela ausência do professor eu tenho mais do que reclamar do que a::a elogiar... e química a professora [...] é muito boa também...perfeita também...foi a parte dela que nós/eu a::a equipe sala os aluno a sala os deficientes percebemos né que quando um professor quer...preparar um material pra o aluno de química ele faz ele mesmo cria ele mesmo bola...e a professora [...] ela teve essa...essa criatividade muito...muito bom mesmo...perfeito o material dela
- Ent: então aqui você não tem sentido essa dificuldade?
- Alun: não
- Ent: só em física mesmo ?
- Alun: só em física
- Ent: e na sua sala...na sala regular ?
- Alun: na sala regulAR...a professora de matemática é boa...química é boa...é a mesma coisa( )
- [
- Ent: de física
- Alun: do professor de física sempre deixar a desejar apesar de...de eu mesma não gosta de física mais já que cai na prova né vou fazer o que... tenho que aprender mais eu não tive professor pra me ensinar( ) a não ser o professor da sala de recurso que é o [...] é um excelente professor também... só que deixou a desejar/a física deixou a desejar eu posso dizer que o primeiro ano eu fiz sem saber física...o segundo ano eu fiz ...sem saber física e o terceiro eu estou saindo /aprendi um pouquinho de física

- Ent: e aí você... sente assim uma.../ você deve tá preocupada né meu Deus e agora que eu vou fazer no vestibular
- Alun: pois é vai ser no chutômetro né a prova do vestibular vai ser no chutômetro tentar fazer sentido a::a coisa né porque... é o jeito o que que eu posso fazer já na altura do campeonato não posso fazer mais nada
- Ent: tá i:: português literatura e redação ?
- Alun: português... também muito bom a professora [...] muito boa... literatura a professora [...]...muito boa também apesar de não gostar de literatura
- [
- Ent: risos
- Alun: eu não gosto de literatura aprendi a gostar um pouquinho de literatura... redação... também tenho bastante preguiça de pensar pra criar aquele tema lançado e:: então/é muito bom fazer isso a professora [...] ela abriu muito nossos olhos a nossa mente em relação como se criar como se fazer uma redação muito bom
- Ent: então aqui você não tem tido problemas com essas disciplinas?
- Alun: nenhuma
- Ent: e na escola ?
- Alun: na escola na escola eu não tenho redação a minha professora de português é muito boa...a professora [...] que aprendi/aprendi muito com ela também...è:: literatura também...também é a professora [...]...é a mesma coisa não gosto de literatura... não gosto muito... muito meLOso tem muita coisa melosa não gosto de coisa melosa não
- Ent: mais a professora não deixa a desejar né
- [
- Alun: também não deixa...
- [
- Ent: então assim você tem aprendido
- Alun: não deixa ...não deixa a desejar... de jeito nenhum
- Ent: e... geografia e história ?
- Alun: GEOGRAFIA... meu professor/a professora...eu esqueci o nome dela
- [
- Ent: [...]... o nome da professora
- Alun: é boa também... muito bom... não tenho do que me queixar dela...é... pena que as aulas dela foram poucas é...mais quando ela vinha dá essas aulas é...maravilhosa também...é::... história ... história é o professor [...]...aquilo que eu já falei...é:: tem se preocupado...tem mostrado muito preocupado...porque... era pra nós estarmos BEM na frente no assunto e::... a gente tem visto que ele tem ficado preocupado porque nós ficamos muito prejudicado...mas também não tenho nada do que me queixar dele
- Ent: e na escola...é o mesmo assim( )
- [
- Alun: é o mesmo...é o professor [...]... professor de história...muito bom também...professor de geografia...professor...[...]...muito bom também...também não tenho do que me queixar
- Ent: então ele se preocupado assim?
- Alun: ele tem se preocupado...se preocupado muito
- Ent: vestibular também?
- Alun: uhum...muito...muito mesmo
- Ent: e::nas línguas estrangeiras...espanhol...inglês...qual você optou no vestibular?



- Alun: a minha professora [...]...[... ] inglês...muito bom...muito bom também...espanhol...espanhol a professora [...]...é:: escolhi/optei por espanhol por não manjar assim NADA em inglês...eu...não sei NADA de inglês...então optei por espanhol...muito boa a professora de espanhol... a [...]
- Ent: e mais fácil a compreensão né?  
[
- Alun: muito mais fácil...  
[
- Ent: ( )
- Alun: porque também a gente sabe quem vai ser nosso ledor...é:: na prova do vestibular... então...dá um (medo ) inglês... ou espanhol talvez é:: por não saber quem vai ser o ledor né...quem sabe o ledor... pode ajudar em alguma coisa...se nós escolhermos inglês aí a gente não sabe quem vai ser o ledor aí pode ser um Deus nos acuda...então pode complicar então a gente optou por espanhol/eu optei por espanhol
- Ent: (na sua escola) tem espanhol?
- Alun: não...não tem...tenho inglês...espanhol não
- Ent: espanhol...você teve contato aqui mesmo no grupo?
- Alun: aqui no grupo
- Ent: e::...e biologia?
- Alun: biologia...biologia...biologia...num gosto de biologia...não gosto de biologia...eu acho as...as palavras muito difíceis a:: não dá para visualizar...as figuras direito...e é muito complicado também estudar biologia... aqui no grupo deixou a desejar estudar biologia...já na minha escola também porque...houve uma mudança de professor...o professor sofreu acidente..eu to com outro professor mais assim...eu não sei onde ta o problema ...se é em mim ou se é la no NEES...NAES mais... assim...acho que vou responder mais no chute também biologia
- Ent: tu fale então em questão da...das figuras né que você não pode visualizar... pra você tem que ter essa questão do...do( ) separar uma ( )  
[
- Alun: é
- Ent: e os professores no teu colégio não a preocupação de ta preparando?
- Alun: não...não tem...já na sala de recurso eu::eu não tenho tanto problema porque eu tenho a professora/eu tenho uma professora e ela é::perfeita...é e então eu não tenho tanto problema...já biologia estamos na sala de recurso
- Ent: aqui... biologia você já falou que deixou a desejar [
- Alun: deixou
- Ent: a professora/a primeira monitora né que saiu agora  
[
- Alun: a professora [...]
- Ent: como que era a aula dela...ela não se preocupava com essa questão do?
- Alun: eu não sentia segurança nela...na aula dela...eu gosto muito eu observo muito isso quando uma pessoa entra dentro de sala de aula pra dá aula então eu fico bastante...preocupada...bastante preocupada com isso e a professora [...] eu não senti isso nela né ...ela deu uma aula ou foi duas...acho que chegou a dá duas foi muito...dentro de um ano duas aulas só  
[

- Ent: complicado
- Alun: um caos
- Ent: e::sociologia e filosofia ?
- Alun: sociologia e filosofia...teve pouca aula também mais as professoras são ótimas...a professora [...]...[... ] muito bom...muito bom...é::... acho que nós arrumamos/nós tivemos aula com elas bem pro fim né...ficou um pouquinho difícil de arrumar professor né...mais deu pra aprender u pouquinho...já passaram macete pra gente disse que a prova do vestibular é pura interpretação...então é sentar ter paciência...ouvir o ledor lendo tudo bonitinho pra tentar resolver...a questão
- Ent: lá na sua escola você tem essas duas disciplinas...filosofia e sociologia?
- Alun: já no terceiro ano eu não tenho...eu não tenho...eu tive no primeiro e segundo ano com [...] é::...muito bom o [...]...excelente professor...talvez o que eu souber responder na prova...venha ser por causa dele...pelas as aulas que eu tive dele
- Ent: e aqui na universidade [...]... depois que... você passou a...a fazer parte aqui do grupo de estudo/você tem vindo mais à universidade né ?
- [
- Alun: uhum
- Ent: e você encontra certas dificuldades aqui...de...de acesso mesmo na universidade?
- Alun: não...não...não..nenhum..nenhum/nenhuma...dificuldade...nenhuma dificuldade
- Ent: durante.../quais...quais os lugares que você frequenta aqui?
- Alun: eu frequento o NEES...tapiri...e a sala né pra onde nós vamos
- [
- Ent: sala onde vocês tem aula
- Alun: isso
- Ent: mais você já frequentou... o laboratório daqui?
- Alun: não...nunca fui no laboratório...eu só ando nesses três lugares...sempre nesses três lugares
- Ent: biblioteca também nunca foi ?
- Alun: biblioteca nunca fui...nada disso eu tive acesso...nunca andei
- Ent: então esses são os lugares que você anda e não encontra nenhuma dificuldade
- Alun: não... nenhuma
- Ent: e:: assim você...você tem se sentido preparada pro vestibular?
- Alun: preparada...preparada...preparada assim...NÃO...mais preparada pra ENCARAR to...é mais fácil
- Ent: você acredita que você vai lá conseguir ingressar aqui na UFPA vai ta ano que vem/vai ESTÁ junto com a gente aqui ano que vem
- Alun: eu to querendo acreditar nisso
- Ent: você ta confiante?
- Alun: eu acho que sim...eu creio que sim mais se num ... passar não deu...valeu a tentativa...e::eu to preparada pra tudo...pra tudo se certo...se der certo se eu conseguir passar... aí já é uma outra preocupação mais se eu não passar tenho outros continuo com outros planos aqui dentro já ouvi outras propostas( ) se a gente não passar vamos continuar estudando mais nada que
- [
- Ent: mais não vai desistir não

Alun: não  
Ent: vai continuar tentando?  
Alun: vou continuar tentando  
Ent: então ... obrigada viu [...]

Entrevista D, Data: 17/10/2008, Duração 19:00

Alu: meu nome é [...] é... é...

Ent 1: pode falar...

[

Ent 2: pode falar

Alu: é que eu to nervoso

Ent2: se acalma

Ent1: to gravando

Alu: posso... posso repetir de novo de novo?

Ent1: pode... pode falar... vou deixar gravando

Alu: meu nome é [...]... faço a a pri... primeira e segunda etapa do ensino médio... a minha:: deficiência é:: física e visual

Ent1: colégio que você estuda

Alu: a minha escola é / eu estudo na:: escola [...] conhecido como [...]

Ent 1: e [...] você vai::/ que curso você optou pela UFPA?

Alu: eu optei por direito

Ent: direito?

Alu: é

Ent 1: e por que direito? por que a escolha desse curso?

Alu: ah porque eu acho essa área interessante e:: porque eu to / comecei a gostar dessa área e pretendo é:: pegar essa área

Ent1: e na UEPA você se inscreveu pra algum curso?

Alu: não não me inscrevi

Ent1: e [...] é:: você sabe ne que o ingresso a uma universidade ele às vezes se torna difícil pra uma pessoa que não tenha uma deficiência e se torna muito mais difícil ne pra uma pessoa com deficiência... é:: você tem sentido essas dificuldades no preparo pro vestibular?

Alu: com... como assim?

Ent 1: se você tem sentido algumas dificuldade assim na sua preparação pro vestibular... pra fazer o vestibular... você tem passado por dificuldades no seu estudo alguma coisa de acesso a informação?

Alu: ((O entrevistado tem dificuldades em compreender a pergunta))

Ent1: assim... de...da aprendizagem... se você tem dificuldades no conteúdo do vestibular... nas disciplinas... você tem passado por essas dificuldades...

[

Alu: sim

[

Ent: no seu preparo?

Alu: sim... em algumas matérias eu tenho dificuldades sim em algumas matérias... por exemplo ...física... matemática... química... essas matérias que eu tenho mais::... tenho dificuldades

Ent 1: mais por que essas dificuldades?

Alu: assim... é:: porque... é assim ...é porque::... é porque é:: por falta de estudo mesmo

Ent1: estudo?

Alu: é

Ent1: não é o professor que não tem uma metodologia boa... tem uma didática boa...é você mesmo... a dificuldade é de você mesmo?... com essas disciplinas

Alu: é

- Ent1: e [...] o e a tua família ela te apóia a fazer o vestibular... a ingressar em um::... um curso... em instituição de ensino superior de de... de curso superior?
- Alu: sim
- Ent1: como é que é...como é que sua família tem te apoiado?
- Alu: assim... é... eles sempre:: cobra assim de mim...do do...do estudo... sempre... sempre eles é:: é: eles falam pra mim correr...é::... buscar os:: meus objetivos e cobram assim muito os estudos
- Ent1: e na sua escola... você tem dificuldades de relacionamento com seus professores?
- Alu: não não... não tenho dificuldades
- Ent1: todos você assim... se da bem?
- Alu: é:::... la assim... tem dia...tem dia que sim... tem dia que não..porque assim é...porque la na sala de aula é:: o é... o/as vezes...é... o professor não aumenta a letra pra mim eu tenho que:: chamar ele a atenção pra ele poder aumentar a letra pra mim... e ai ai ai ficava... com aquele...aquele clima ruim
- Ent1: um... então essas são algumas as dificuldades...
- Alu: é
- Ent1: entre vocês dois
- Alu: é
- Ent: a questão da da... da ampliação de letra
- Alu: é... e também questão de material também
- Ent1: de material... material adaptado?
- Alu: é
- Ent1: e assim você sente que o seu professor lá da escola eles te apóiam a fazer o vestibular? eles te dão incentivo?
- Alu: sim... eles... eles apóiam ...inclusive é...eles falam que... sempre eles dão conselho pra gente quando a gente ta no ensino médio “procura fazer um cursinho pro pré...pro pré-vestibular que hoje o mercado de trabalho ta muito difícil...e...e quando terminar o ensino médio não é simplesmente acabou por ai... tem que fazer uma universidade... pra conseguir um bom emprego”
- Ent1: e você tem também tem aqueles professores que não apóiam também que não acreditam na sua capacidade você sente isso de alguns assim... “não aquele ali só ta me dando aula pra mim mais ele não acredita em mim que eu possa vir a ingressar em uma...”
- [
- Alu: não...não... acredito que não
- Ent1: você não sente isso de nenhum deles não?
- Alu: não
- Ent1: e você sente assim uma proteção por parte dos seus professores por causa da sua deficiência uma proteção com você?
- Alu: sim
- Ent1: você sente isso de alguns?
- Alu: sinto...sinto
- Ent1: é:: cite exemplos assim alguns exemplos
- Alu: como assim
- Ent1: as vezes... como...como que é essa proteção às vezes? já... já houve algum caso assim você lembra de um caso que o professor ali ele meio que te protegeu ali só por causa... só por causa da sua deficiência visual...

da sua deficiência física ai ele foi mais bonzinho ali com você...digamos assim

Alu: sim é:: já aconteceu isso já

Ent1: já teve?

Alu: já

Ent1: mas você lembra de algum... de algum caso?

Alu: não não...lembro não...não

Ent1: ma já teve essa proteção?

[

Alu: já

[

Ent1: do professor

Alu: umrrum

Ent1: e:: aqui... referente ao grupo de estudos aqui na universidade... o grupo de extensão...que aprendizagens você tem adquirido aqui ?

Alu: é::: assim é:: aprendizagem assim muito boa... que vai me ajudar / que já ta me ajudando no futuro é:: essas aprendizagens ta me ajudando tanto pro vestibular... tanto na escola.... e através dessas aulas é:::...no ultimo simulado é... eu consegui tirar uma nota b...uma nota boa

Ent1: mas isso ao grupo de estudos aqui também? que tem t ajudado na escola

Alu: umrrum

Ent1: e:: quanto aos seus monitores aqui do do grupo... eles te apóiam a fazer o vestibular você sente esse incentivo por parte deles?

Alu: sim

Ent1: de como...como...de que maneira?

Alu: assi..

[

Ent1: eles conversam com você?

Alu: sim

Ent1: você lembra assim de algum exemplo de algum fato que aconteceu... que ocorreu... que você sentiu ali o apoio dele... que acreditou em você?

Alu: sim

Ent1: lembra? pode contar?

Alu: assim...só só não to recordado:::...

Ent1: mas você sente isso dos monitores daqui do grupo

[

Alu: umrrum

[

Ent1: que eles te apóiam

Alu: umrrum

Ent1: e::: quanto o adaptação de material [...] é é:::... essa... como é que ta sendo essa adaptação dos conteúdos?

[

Alu: aqui no grupo de estudos?

Ent1: sim aqui no grupo de estudos

Alu: olha eu tenho notado o esforço dos monitores é:: ali outro acolá sempre acontece uns probleminhas mas... dá pra resolver e:: tenho que.... é:::... não tenho... a queixar não

Ent1: quanto a ampliação das suas... das das...das suas fontes

Alu: não não

Ent1: tem::: tem é ocorrido tudo certinho...

- Alu: [ é
- Ent1: nem uma falha assim por parte da... / quanto a questão de adaptação?
- Alu: não
- Ent1: é:: você sente liberdade [...]... em questionar... propro / propor mudanças aos seus monitores? quando::... por exemplo se ele ta agindo de uma forma incorreta... a maneira de dar aula... a forma.... se ele ta tendo o cuidado ((cuidado aqui referindo-se a atenção do monitor com o aluno no processo de aprendizagem)) com você?
- Alu: sim ... sim.. sim... sim
- Ent1: [ você você sente essa liberdade de ir lá em questioná-lo... em falar que “não que não é assim...que...”
- Alu: arram tenho sim
- Ent1: já aconteceu algum caso assim de algum monitor estar...
- Alu: não não... ainda não
- Ent1: você não não questionou num...
- Alun: não não
- Ent1: [ não houve necessidade de você propor alguma mudança na aula?
- Alu: não não... não chegou ainda esse dia
- Ent1: e::... que dificuldades [...] você encontra... na disciplina de matemática? por exemplo...você sente dificuldades nessa disciplina?
- Alu: sim... me sinto
- Ent1: que tipo de dificuldades assim... por que?
- Alu: assim é... eu sinto é::... assim... mais é:: dificuldades na:: tabuada de... de divisão e de:: multiplicação... nessas duas coisas que eu me sinto mais di:: dificuldades
- Ent1: na escola... o professor da da... da sua escola... assim você acha que ele... tem passado bem esse conteúdo a você?
- Alu: tem.... é... ele...ele passa o... conteúdo... e ai depois... ai eu... chego em casa... só só... às vezes eu estu / é ele passou ... depois eu só dou uma... relida
- Ent1: você tem aprendido bem assim... matemática lá?
- Alu: tenho
- Ent1: e aqui no grupo de estudos?
- Alu: Também::
- Ent1: a a a...é:: é:: o... monitor de matemática... ele tem te ajudado nas suas dúvidas... tem...
- Alu: [ tem
- Ent1: [ ... tem conseguido acompanhar?
- Alu: tenho
- Ent1: na:: e na de física e na de química... logo...falando logo das exatas... que:: geralmente as pessoas consideram mais difíceis ne... matemática...física e química... e física e química como é que ta acontecendo isso? você tem conseguido acompanhar também o aprendizado dessas matérias?
- Alu: eu ...é...tenho:: é:: acompanhado mais mais...mais quando chega na hora de:: resolver os cálculos e que aparecem as minhas:: dificuldades

- Ent1: um:... e aqui na... no no no... no grupo de estudos aqui da UFPA... você ainda tem sentido dificuldades... mesmo tendo esses monitores aqui te ajudando... dando essa aula pra você?... você tem sentido essas dificuldades?
- Alu: sim  
[
- Ent1: aqui?
- Alu: umrrum... assim é ((incompreensível)) a gente sente essas dificuldades porque... é:: porque é:: porque assim... física... é:: meche muito com é:: com a:: matemática ai... e:: -- como eu falei pra vocês-- é:: é eu sou ruim de... eu tenho dificuldade mais de... de multiplicar e::... de divisão... e quando chega na hora dos cálculos a gente tem que resolver cálculos... ai eu me sinto assim... ((incompreensível)) assim (( incompreensível))
- Ent1: então você não atribui essa sua dificuldade pelo fato de o monitor... de o professor ali estar passando a matéria de uma forma errada
- Alu: não  
[
- Ent1: não... é mais uma dificuldade sua mesmo?
- Alu: é
- Ent1: e:: quanto português... literatura... redação... você sente dificuldades nessas disciplinas?
- Alu: não não
- Ent1: não tem nenhuma dificuldade?
- Alu: não não... português... redação e literatura até que eu to:::... bom  
[
- Ent1: tanto os professores de lá como::... os monitores daqui da / do grupo... eles têm passado bem isso pra você... você tem conseguido compreender?
- Alu: sim... tenho muito sim
- Ent1: sim e história e geografia?
- Alu: história... história e geografia... também to dominando bem
- Ent1: não tem dificuldade?
- Alu: não
- Ent1: e a língua estrangeira... que língua... que língua você optou... pelo / no vestibular?
- Alu: espanhol
- Ent1: espanhol?
- Alu: é
- Ent1: você tem dificuldade na... na língua inglesa... na língua... espanhola?
- Alu: só um pouco na:: língua inglesa... na língua de:: inglês... mas no espanhol é ainda da pra é ler ler um texto... ainda da de lê um texto e interpretar o... ainda da de lê um texto e interpretar o / aquele texto
- Ent1: sim... você acha que as monitoras aqui elas tem passado bem isso pra você? esse aprendizado na...  
[
- Alu: sim
- Ent1: nessas línguas?  
[
- Alu: sim
- Ent1: você já:::... já::: havia tido o espanhol na sua...  
[
- Alu: não



- Ent1: na sua escola  
 Alu: não não  
 Ent1: começou aqui no grupo de estudos?  
 Alu: foi  
 Ent1: não tem sentido dificuldades?  
 Alu: não não  
 Ent1: e::: quanto a biologia?  
 Alu: ai ai já um pouco na biologia eu também já sinto assim um um pouco de dificuldade porque eu já vi biologia no ensino médio... e logo no início das aulas a gente tivemos biologia ai parou... ai passamos quase um mês sem ter aula de biologia  
 [  
 Ent1: na sua escola?  
 Alu: é... ai  
 [  
 Ent1: porque que houve esse...  
 Alu: por falta mesmo de professor mesmo... ai agora retornou... ai:::... ai é... o professor não nem explica direito... ai ia passar um... é:: quinze questão pra gente responder ai:: ai fica meio assim difícil  
 Ent1: e aqui no grupo de estudos...biologia... você tem acompanhado as aulas direitinho?  
 Alu: TEnho:: ele é o monitor é ele passa... passa tudim que a gente quer: saber... quando a gente ta em dúvida a gente pergunta  
 Ent1: e [...] os professores da sua escola assim... eles se preocupam muito em passar o conteúdo do vestibular... eles têm tido essa preocupação com vocês?  
 Alu: sim é:: a li... a língua portuguesa... a professora de língua portuguesa ela...ela:: procura muito passar conteúdos de vestibular... ai ela:: ... passa mais redação que cai muito no vestibular... esses dias mesmo ela passou um conteúdo que caiu no vestibular... é... de São Paulo... ai... ai tive que fazer uma redação desenvolvendo... uma redação  
 Ent1: sim... e:: aqui na universidade [...]... que espaços aqui na universidade você costuma freqüentar?  
 Alu: eu::: freqüento mais aqui... o NEES... la o:: auditório  
 Ent1: só?  
 Alu: só  
 Ent1: você já foi a biblioteca daqui da universidade... já visitou a biblioteca?  
 Alu: ainda não tive a oportunidade de ver ainda  
 Ent1: o laboratório de informática também... não conhece ainda esses espaços da UFPA?  
 Alu: não não  
 Ent1: só a biblioteca / só o:: a... o NEES  
 [  
 Alu e o  
 [  
 Ent1: e o auditório  
 Alu: é  
 Ent1: e assim você tem encontrado dificuldades... é de acesso... aqui na universidade... de acessibilidade?  
 Alu: não não porque é:::... aqui...é::: qualquer tipo de coletivo é que que... que passa aqui é... qualquer... qualquer ônibus que passa ele ele ele... ele para

- aqui... só:: na hora de... na hora de atravessar as duas pista que a gente / que eu me sinto / que eu tenho TENHO dificuldades
- Ent1: ta mais e aqui dentro do campus... a questão da acessibilidade... você não tem encontrado barreiras arquitetônicas aqui?
- Alu: não não... por que é:: aqui é:: aqui é é um... aqui é um lugar plano... que dá tanto pro...é baixa visão andar como pra um cego andar
- Ent1: as rampas aqui você tem:: reparado... nos banheiros também se há adaptações?
- Alu: num é:: no banhe / é aqui é ainda não... ainda não... ainda não vi se tem uma adaptação assim pra deficiente visual... assim pra deficiente
- Ent1: e:: você [...]... você se sente preparado pro vestibular?
- Alu: oh é... que eu posso dizer assim... é o que é a gente estuda aqui no grupo de estudos e o que a gente estuda la no... la no [...]... da assim é::... assim é... a... assim... o que estuda no grupo de estudo e la no [...] e... é... e estuda mais em casa... acho que sim... eu me sinto preparado
- Ent1: sim... você acredita que você::...irá conseguir esse ano ingressar / ano que vem já vai estar aqui na universidade conosco?
- Alu: sim... acredito que sim
- Ent1: você vai passar mesmo no vestibular?
- Alu: vou
- Ent1: então... é só isso [...] obrigado viu

## NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda...( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre	/	fomos/eles foram...
Entonação enfática	MAIÚSCULA	porque você vai ter que entenDER
Prolongamento de vogal e consoante	::podendo aumentar para ::: ou mais	fale::i...falei...
Silabação	-	e questão de res-pon-sa-bi-li-da-de
Interrogação	?	e assim... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos...ou três razões...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	no estado ((nas escolas estaduais))... em Marabá
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	Essa situação- - foi o caso que te contei- -é muito difícil...
Superposição; simultaneidade de vozes	Ligando as [ linhas	e pra não ferir a outra pessoa... [ e não...não ferir alguém...
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	quanto mais tempo de... (...) porque lá ninguém me conhece...
Citações literais ou leitura de textos, durante as gravações	“mm”	já chegaram até pra mim a dizer “olha... pelo amor de Deus”...

Observações<sup>6</sup>:

Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas.

Fáticos: ah, éh, oh, ahn, ehun, uhn, tá? (não do verbo estar, mas como finalização da frase)

Números: por extenso.

Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).

Não se anota o cadenciamento da frase.

Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa).

Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

<sup>6</sup> Normas extraídas e adaptadas de PRETI (1997, p.11-12).

## FOTOS



**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (NEES)/UFPA/MARABÁ.**



**GRUPO DE ESTUDOS DO PRÉ-VESTIBULAR PARA DEFICIENTES VISUAIS/UFPA/MARABÁ.**



**APROVAÇÃO DE UM ALUNO PARTICIPANTE DO GRUPO, NO VESTIBULAR DA UEPA.**